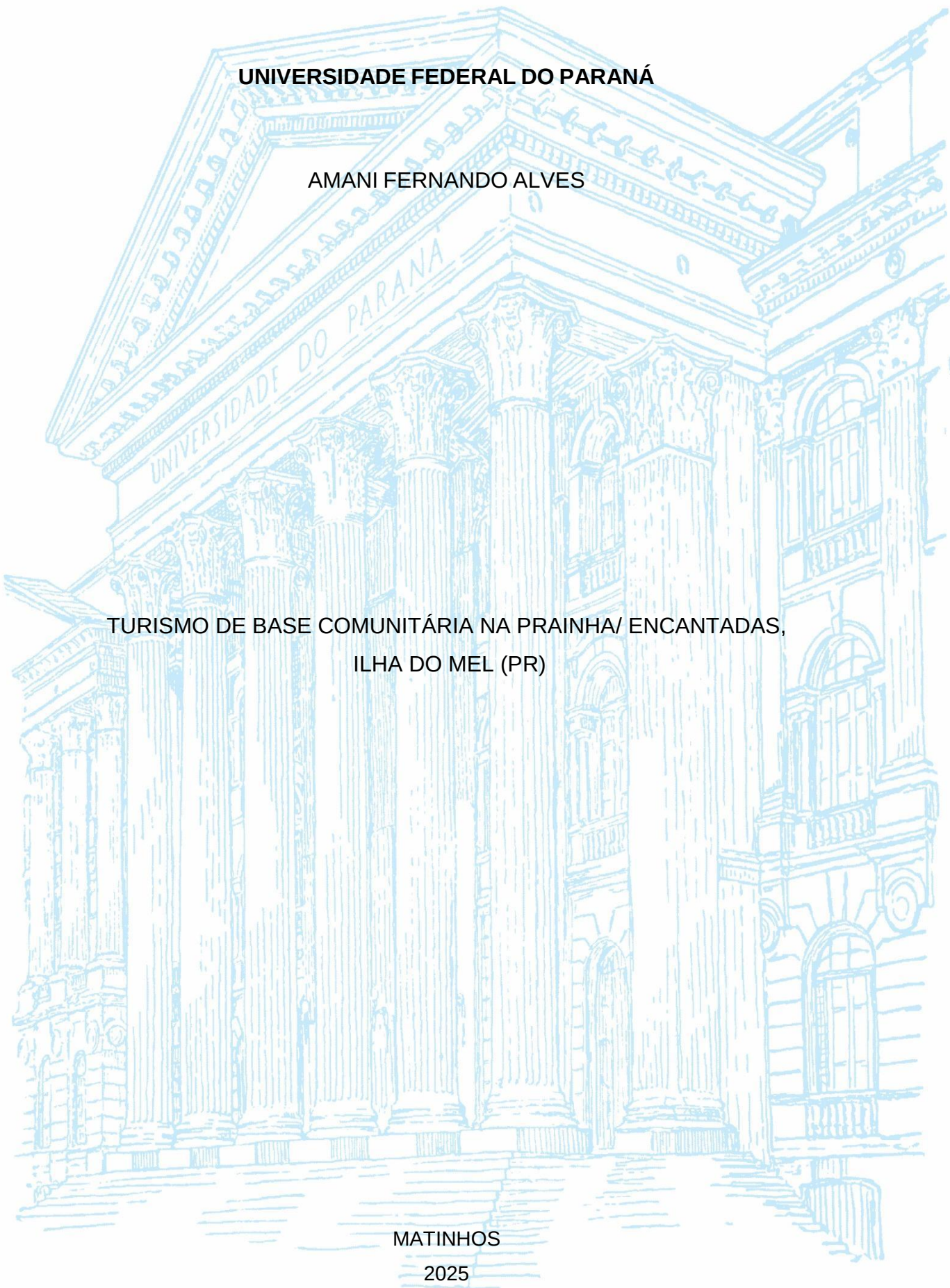




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANI FERNANDO ALVES

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PRAINHA/ ENCANTADAS,
ILHA DO MEL (PR)

MATINHOS
2025

AMANI FERNANDO ALVES

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PRAINHA/ ENCANTADAS,
ILHA DO MEL (PR)

TCC apresentado ao curso de Tecnologia e Gestão de Turismo, Setor UFPR Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Tecnologia e Gestão em Turismo.

Orientadora: Professora Beatriz Leite Ferreira Cabral.

MATINHOS

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DA CÂMARA CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DO TURISMO
Rua Jaguariva, 512. - - Bairro Caioba, Matinhos/PR, CEP 83260-00
Telefone: 3360-5000 - <https://ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA FINAL DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO DO SETOR LITORAL. Aos quatro dias do mês de setembro de 2025, às 14:00 horas, sala 23A, reuniu-se a Banca examinadora do Trabalho de Conclusão de curso, constituída pela professora Beatriz Leite Ferreira Cabral (Presidente-Orientadora), professora Dra. Lara Brunelle Almeida Freitas (Membro), professor Dr. Marcos Luiz Filippini (Membro) e prof. Dr. Rangel Angelotti (Membro), para avaliação do Trabalho de Conclusão do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UFPR, de autoria do discente **Amaril Fernando Alves** sob o título: "*Turismo de Base Comunitária na Praia/Encantados-Illa do Mel(PR)*". Após a apresentação do trabalho, a banca examinadora reuniu-se e decidiu pela **APROVAÇÃO**. O estudante deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final (via eletrônica em e-mail para camara.gt@ufpr.br e cópia para orientador); O trabalho deve ser disponibilizado em via impressa para consulta no NEPTUR (encadernado em brochura ou capa dura).



Documento assinado eletronicamente por JOSE PEDRO DA ROS, COORDENADOR DA CAMARA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTAO DE TURISMO, em 08/09/2025, às 21:35, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por RANGEL ANGELOTTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 23/10/2025, às 16:27, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por MARCOS LUIZ FILIPPINI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 23/10/2025, às 18:20, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por BEATRIZ LEITE FERREIRA CABRAL, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 23/10/2025, às 18:46, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida [aqui](#) informando o código verificador 5108997 e o código CRC 2A7B3BF7.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha amada mãezinha Maria da Luz, por todas as ajudas do meu nascimento até o nosso último encontro terreno. Gratidão mãe, pelos conselhos, ensinamentos que, foram me fazendo entender que, as minhas escolhas teriam que ser pautadas na honestidade, e de cabeça erguida seja lá onde que for. Dedico à sereia das Encantadas, a Ana Lucia Valentin e todos os nativos que me deram oportunidades da vida caíçara, e sentir-me pertencente a uma família na Prainha das Encantadas. Dedico aos filhos, Luana Isabel Valentin, Amani Fernando Valentin e a Talita Valentin e os anjos Lucas e Kaimã Valentin, que me impulsionam a essa demonstração de energia, a vocês que fique de exemplo a ser seguido, nunca é tarde para ganhar conhecimento, aprender o que se ensinam e ensinar o que se aprende.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais à minha orientadora, Professora Beatriz Cabral, como idealizadora da proposta dos Anfitriões do litoral, onde me fez um chamado, envolveu-me num propósito de extensão universitária, despertando em mim, ciência do Turismo de Base Comunitária, que há décadas é praticado por mim, por moradores e nativos do povoado da Prainha Encantada na Ilha do Mel.

Meus agradecimentos aos nobres e digníssimos professores: Beatriz Cabral, Marcos Filippim, Rangel Angelotti e Lara Freitas, que deram contribuições valiosas no dia apresentação do TCC. Agradeço também aos professores que tive durante o curso, Luiz Brembatti, José Pedro Da Ros, Marcelo Chemim, Elisabete Kushano, Andrea Espinola e Claudio Zancan. Gratidão, Mariene, você é o coração desta casa de conhecimentos.

Agradeço de coração aos familiares e às pessoas queridas que nunca deixaram de acreditar em mim. A prova foi o encontro mágico com Beatriz Cesar, gratidão! Ela fortalece o bordão e diz “intervir sempre, interferir nunca”. Gratidão especial ao meu irmão de alma Dr Angelo D'annunzio e sua família em Posadas. Grato a Maria Del Mar pelo carinho e amizade. Agradeço pelas orações da Aglaé da rua do Fogo Grato, ao Pai e mãe do Eduardo Rodaski, de Leonardo Rodaski e Rafael Rodaski, grato pela acolhida e confiança. Acelino, Alexandra, Monalisa e Giovanna grato pelo Notebook foi fundamental para a iniciação da graduação. Gratidão Ana Luiza e Willian Ornella pelo carinho pelo apadrinhamento sincero e amado, que trote foi aquele? Inesquecível Deus abençoe! Grato Claudião Teixeira e Angel pelo apoio e consideração. Grato à saudosa Dona Terezinha, que foi uma amiga e parceira no momento acadêmico em Matinhos. Grato aos amigos de Matinhos Saudoso Pelanca, ao Gil, Jihad e família, Péricles, Toro, Gordaines, Mari, Família Dallegrave Grato, Beto Bispo e a Benedita, pelo carinho, respeito e admiração. Gratidão pelo respeito ao Ismael e a Beatriz, mãe do Aroni e do Eloin, altos almoços juntos no RU (Restaurante Universitário) me fortaleceram, grato pelo carinho! Grato a Lucia, Iury e a Carol do Estacionamento da Polaca pelo carinho e colaborações. Muito Grato a Família Zippin por ter cedido às fotos tiradas na Prainha pelo saudoso Dr Dalio. Camila Grafi grato pela colaboração com o ChatGPT. Agradecer a todos do Grupo de Fandango Caiçara de Encantadas Ilha do Mel, em

especial a Mariele e Julian, Tania Campos, Barbara, Joana, Clodoaldo, Madalena, Sonia, Ramon, Orides, Parati, Dedete e Mauro, Cris, Peque e a Fernanda gratidão pela acolhida onde fortaleceu o Fandango caiçara na vila de Encantadas.

Lembrança com carinho do Saudoso Sr Nei do RU de Pontal do Sul me tratava com muita dignidade. Grato, aos sobrinhos Thiago e Thalia sempre prontos. Grato ao Ildefonso, Nayara, Matheus, Maysa, Mauricio! Grato ao Filipe Eco Local, pelo incentivo. Grato a Dani pedagoga e a minha eterna professora Kelly, sempre prontas colaborando comigo em minhas necessidades. Grato ao Paulo Goes, Jorge, Raul, Yara e Yasmin, pela acolhida o respeito, agradeço por permitirem que a mãe de vocês pudesse ser tão dedicada comigo. Gratidão!

Agradeço a todos os entrevistados, sejam eles nativos ou de fora da ilha como Marcinho, Tânia, Rodrigo, Clodoaldo, Romilda, Vinicius, Jennifer, Juliano, Marcio, Celia, Renato, Barbara, Cassiane, Janaina, Danielle, Emerson, Alexandre, João Guilherme, Ana, Beatriz, Rosângela e Marquinhos pela colaboração neste estudo e tenho a esperança de que outros diagnósticos sobre desenvolvimento da vila das Encantadas acontecerão.

Agradecimento especial aos colegas das turmas dos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024 pelo respeito e parcerias! Á Ana Gomes, pelo empenho e correção, grato! Grata Sofia, Carol, Ana, e Vinicius pelo prestígio e considerações! Grato a Bruno e o Colares, pelo apoio. Grato aos apoiadores da biblioteca, à Simone, da UFPR Litoral, e à Liliam, da biblioteca do CEM. Grato aos motoristas, ao pessoal da manutenção e da segurança do prédio do setor litoral. Á Araci e Wayner, grato pelo respeito! Grato aos colaboradores nos RUs, pura e real interação cultural, humanística, momentos únicos e inesquecíveis!

Agradecimentos àquelas pessoas amigas, amigos, e familiares que torceram por mim e se dispuseram a somar comigo neste propósito de entrar na Universidade Federal do Paraná, e sem privilégios, diga se de passagem, para alcançar a classificação!

"A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente"

Machado de Assis (1882).

RESUMO

A Ilha do Mel é um mundo insular próximo ao continente, que possui características físicas, construções militares e lugares que se tornaram atrativos turísticos, históricos e naturais. Poucos estudos abordam a leitura sobre como o Turismo de Base Comunitária (TBC) vem sendo construído no antigo vilarejo da Prainha, hoje Vila de Encantadas e os entendimentos da comunidade sobre os desafios. Assim, essa pesquisa neste trabalho, tem como objetivo analisarmos o processo histórico da construção do turismo na base da comunidade, avaliarmos resultados de estudos bibliográficos, que chamam para reflexões e possibilidades de um novo tempo para o TBC, principalmente na Vila de Encantadas. A pesquisa é exploratória, tendo como base o meu relato pessoal com fotos e fatos, agregado às entrevistas com nativos (as), proprietários (as) de imóveis e turistas assíduos que frequentam a comunidade e utilizam ou utilizaram o Turismo de Base Comunitária na Vila de Encantadas, antiga Prainha na Ilha do Mel, analisando os períodos entre 1985 e 2025. Considerando também os efeitos das mudanças que têm acontecido e as impressões sobre o novo marco regulatório, aprovado em 2025. As considerações neste trabalho compartilham algumas recomendações e propostas de fortalecimento do TBC em ação conjunta com a Unidade Administrativa da Ilha do Mel (UNADIM) criando oportunidades para ampliar discussões, aperfeiçoamento e conquistas.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Comunidade local; Ilha do Mel

RESUMEN

Ilha do Mel es un mundo insular cercano al continente, con características físicas, construcciones militares y sitios que se han convertido en atractivos turísticos, históricos y naturales. Pocos estudios abordan el desarrollo del Turismo Comunitario (TCC) en la antigua aldea de Prainha, hoy Vila de Encantadas, y la comprensión de la comunidad sobre los desafíos. Por lo tanto, esta investigación busca analizar el proceso histórico de desarrollo del turismo comunitario y evaluar los resultados de estudios bibliográficos, que invitan a la reflexión y a explorar las posibilidades para una nueva era del TCC, especialmente en Vila de Encantadas. La investigación es exploratoria, basada en mi relato personal con fotos y hechos, combinada con entrevistas con nativos, propietarios y turistas habituales que frecuentan la comunidad y utilizan o han utilizado el Turismo Comunitario en Vila de Encantadas, antigua Prainha en Ilha do Mel, analizando los períodos entre 1985 y 2025. También considera los efectos de los cambios ocurridos y las impresiones del nuevo marco regulatorio, aprobado en 2025. Las consideraciones de este trabajo comparten algunas recomendaciones y propuestas para fortalecer el TBC en acción conjunta con la Unidad Administrativa de Ilha do Mel (UNADIM), creando oportunidades para ampliar discusiones, mejoras y logros.

Palabra clave: Turismo Comunitario; Comunidad local; Ilha do Mel

ABSTRACT

Ilha do Mel is an island world close to the mainland, with physical characteristics, military constructions, and sites that have become tourist, historical, and natural attractions. Few studies address how Community-Based Tourism (CBT) has been developed in the former village of Prainha, now Vila de Encantadas, and the community's understanding of the challenges. Therefore, this research aims to analyze the historical process of community-based tourism development and evaluate the results of bibliographic studies, which call for reflection and possibilities for a new era for CBT, especially in Vila de Encantadas. The research is exploratory, based on my personal account with photos and facts, combined with interviews with natives, property owners, and regular tourists who frequent the community and use or have used Community-Based Tourism in Vila de Encantadas, formerly Prainha on Ilha do Mel, analyzing the periods between 1985 and 2025. It also considers the effects of the changes that have occurred and the impressions of the new regulatory framework, approved in 2025. The considerations in this work share some recommendations and proposals for strengthening the TBC in joint action with the Administrative Unit of Ilha do Mel (UNADIM), creating opportunities for broadening discussions, improvements, and achievements.

Keywords: Community-Based Tourism; Local Community; Ilha do Mel

SIGLAS

BR - Brasil

PR - Paraná

UFPR - Universidade Federal do Paraná

CEM – Centro de Estudos do Mar

ABALINE - Associação dos Barqueiros do Litoral Norte do Estado

ANIME - Associação dos Nativos da Ilha do Mel nas Encantadas

TBC - Turismo de Base Comunitária

IAT - Instituto Água e Terra

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PMP - Prefeitura Municipal de Paranaguá

RU - Restaurante Universitário

SETU - Secretaria Estadual de Turismo

PMPR - Polícia Militar do Paraná

ITC - Instituto de Terras e Cartografia

UC - Unidade de Conservação

SEBRAE - Serviço Brasileiro as Empresas

IAP - Instituto Ambiental do Paraná

UNADIM - Unidade de Administração da Ilha do Mel

CELEPAR - Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná,

ICH - Integração cultural Humanística

Sumário

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 Situações geográficas	4
1.2 Históricos do turismo na Ilha do Mel	6
1.3 Históricos do turismo na Prainha/ Encantadas	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
3 MEUS RELATOS	22
4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	37
4.1 As etapas da pesquisa	37
4.2 Justificativa.....	38
4.3 Participantes da pesquisa como proprietários e frequentadores.....	39
5 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS	43
5.1 As mudanças e influências	43
5.2 Turismo de Base Comunitária	66
5.3 O Marco regulatório.....	75
5.4 Resultados	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
APÊNDICE 01: ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	88
APÊNDICE 02: ENTREVISTAS REALIZADAS COM NATIVOS, PROPRIETÁRIOS DE RESIDÊNCIA E FREQUENTADORES.....	89

1 INTRODUÇÃO

1.1 Situações geográficas

A Ilha do Mel conta com aproximadamente 35 km de perímetro e área de 2760 ha (Instituto Água e Terra - IAT 2025). “Ela possui as seguintes coordenadas geográficas entre os paralelos 25°29'29" e 25°34'33" latitude S, e os meridianos 48°17'17" e 48°22'54" W de Greenwich, localizada na Baía de Paranaguá (coordenadas geográficas 2025 Google).

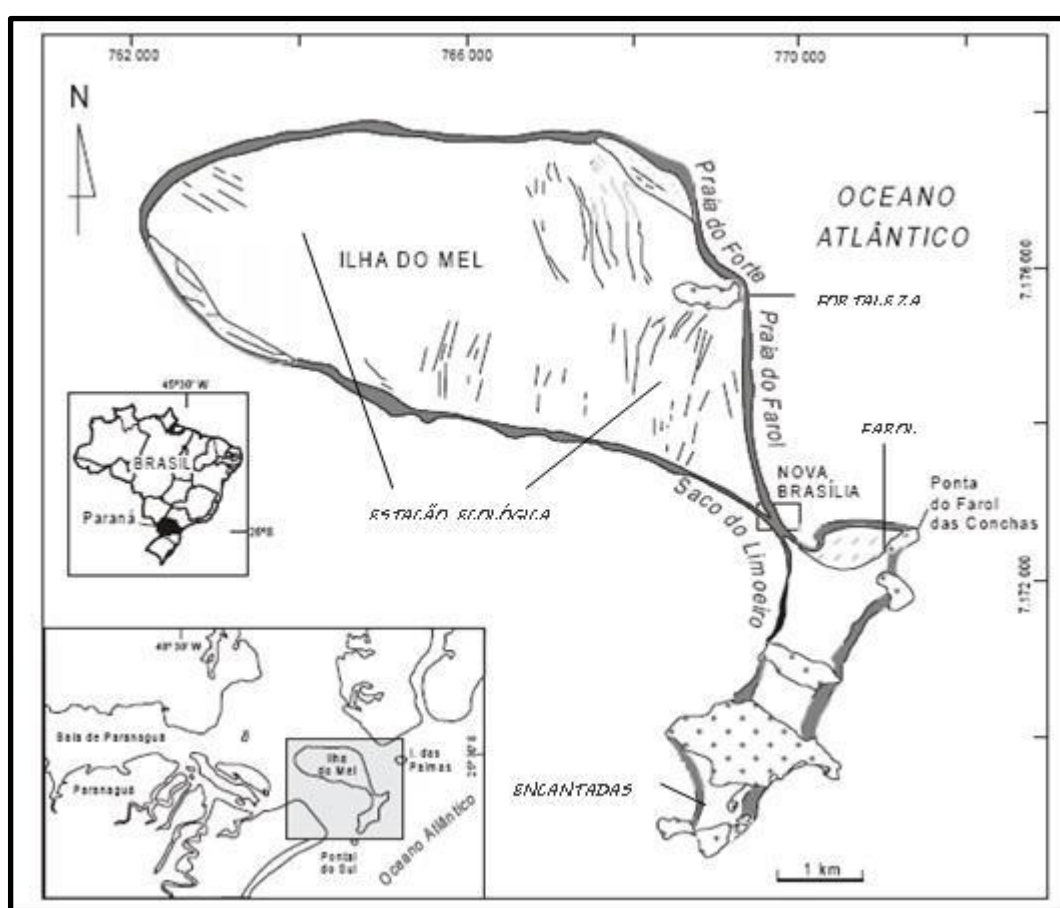
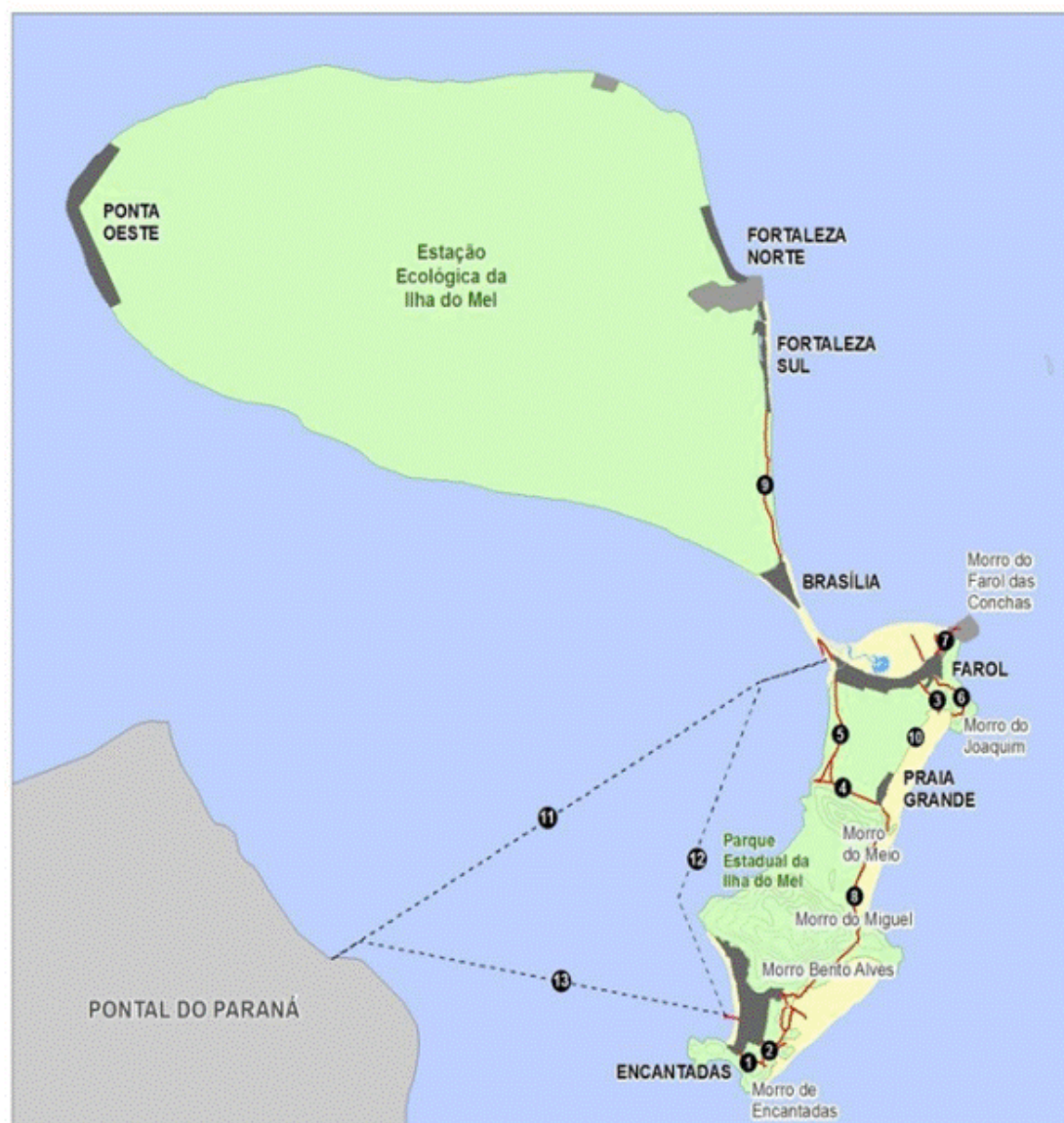


Figura (1) Mapa cartográfico da localização do objeto estudado. Fonte: Athayde 1998.

Conforme é possível observar na figura (2), a Ilha do Mel é dividida em duas partes, norte e sul, destacando o istmo, na comunidade de Brasília para o norte, onde fica a Estação Ecológica, UC, Unidade de Conservação criada em 1982 através do Decreto Estadual n.º 5.454, a Fortaleza de Nossa Senhora dos

Prazeres e para o oeste fica a comunidade Ponta Oeste. No mesmo mapa, no sentido sul da ilha, está o Parque Estadual da Ilha do Mel, criado em 2002 pelo Decreto Estadual n.º 5.506 e nas suas proximidades estão os morros e as comunidades da Praia Grande e Vila de Encantadas.



LEGENDA

— Trilhas Interpistas

— Morros

■ Áreas de Ocupação

■ Áreas de Conservação

Extensões aproximadas de trilhas

1 Encantadas-Morro de Encantadas (290m)

2 Morro de Encantadas-Praia de Fora (680m)

3 Farol-Praia Grande (385m)

4 Praia Grande-Morro do Meio (735m)

5 Farol-Morro do Meio (1000m)

6 Farol-Morro do Joaquim (635m)

7 Farol-Morro do Farol das Conchas (375m)

8 Morro do Meio-Morro do Miguel (2375m)

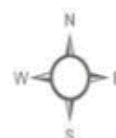
9 Brasília-Fortaleza (1350m)

10 Farol-Praia Grande (780m)

11 Ponta do Sul-Brasília (5500m)

12 Brasília-Encantadas (4000m)

13 Ponta do Sul-Encantadas (4000m)



0 1 2 km

BASE CARTOGRÁFICA
ITCG (2009); IAP (1998)

Figura (2) - Base cartográfica da localização das áreas ocupadas: ITCG 2009.

Os morros em destaques, apresentados na (Figura 2) são: o Morro da Baleia, onde foi erguido em 1769 a Fortaleza Imperial. O morro mais alto e mais importante, na minha visão, é o Morro Bento Alves, pois do seu interior brota as nascentes de águas cristalinas que possibilitaram a presença dos povos originários e de muitas outras famílias. que viveram e vivem na antiga vila da Prainha hoje Encantadas No Morro das Conchas está situado o farol sinalizador, erguido desde 1870, que foi fundamental para colocar um fim aos naufrágios entre o sul paulista e a Barra de Paranaguá. O Morro das Encantadas, no extremo sul, possui sinais geológicos marcantes e no Morro do Miguel, tem um local de onde todos os anos, os “espias” ficam observando a chegada dos cardumes de Tainha.

As áreas ocupadas são chamadas de vila, como são consideradas, incluindo as seguintes comunidades: Encantadas, Praia Grande, Farol, Brasília e a Ponta Oeste. Essas comunidades estão conectadas por várias praias e trilhas usadas por seus moradores durante as pescarias e por visitantes e turistas para acessar os atrativos dentro da Ilha do Mel.

1.2 Históricos do turismo na Ilha do Mel.

Os turistas começaram a chegar à Ilha do Mel a partir de 1920, um pouco depois do fim da 1ª Guerra Mundial. O local escolhido foi a abrigada praia da Fortaleza, pessoas que podiam ter o luxo e desfrutar da viagem de trem de Curitiba para Paranaguá. E a beira do Rio Itiberê o visitante embarcava em barcos para passageiros, demonstrado na (Figura 3), todos rumo ao Balneário na Ilha do Mel, na maioria eram famílias católicas participantes das festas religiosas que aconteciam no balneário por conta da padroeira da fortaleza a Nossa Senhora dos Prazeres (Figura 6).



Figura (3) O Desembarque e a Jardineira, serviços no balneário da Ilha do Mel em 1930.

Fonte: Iphan, 2008

Com o fim da guerra, aconteceu o retorno das pessoas ao balneário da Ilha do Mel, que passou a ser uma prática turística desde então. Esta época foi marcada pela chegada de imigrantes da Europa em sua maioria, que buscavam espaços de lazer no litoral nas costumeiras férias do mês de julho. Esse movimento de visitantes se fortaleceu nas décadas de 1920 a 1930, pois eles chegaram a criar um clube de frequentadores do balneário da Ilha do Mel e que, na sua maioria, eram gerações de imigrantes, portugueses, italianos, alemães entre outras nacionalidades.



Figura (4) Club Balneário Ilha do Mel, 1930. Fonte: IPHAN, 2008.



Figura (5) Desembarque na Ilha do Mel 1930. Fonte IPHAN. 2008



Figura (6) Aqui retratando em 1930 o turismo religioso no balneário Ilha do Mel.
Fonte IPHAN, 2008.

Os turistas desta época praticavam o que chamamos hoje de turismo religioso. O destaque nesta (Figura 6) é evidenciado pela chegada do padre e a procissão ao redor da fortaleza com fogos e orações no trajeto dos fiéis que vinham em grande número, principalmente de Curitiba e Paranaguá. Com o início da 2ª Guerra Mundial (que durou entre os anos de 1939 a 1945), a visitação e desembarque na ilha ficaram limitados, voltando ao seu normal a partir do final dos anos de 1950.

Neste período, os turistas ou visitantes, podiam acompanhar os agentes públicos e os marinheiros trabalhadores na barra de Paranaguá, com sede na enseada das Conchas. Isso favoreceu o desenvolvimento deste lado norte da ilha e no entorno do Farol sinalizador, (Figura 7), que teve grande importância na navegação comercial da época de desenvolvimento no Porto de Paranaguá.

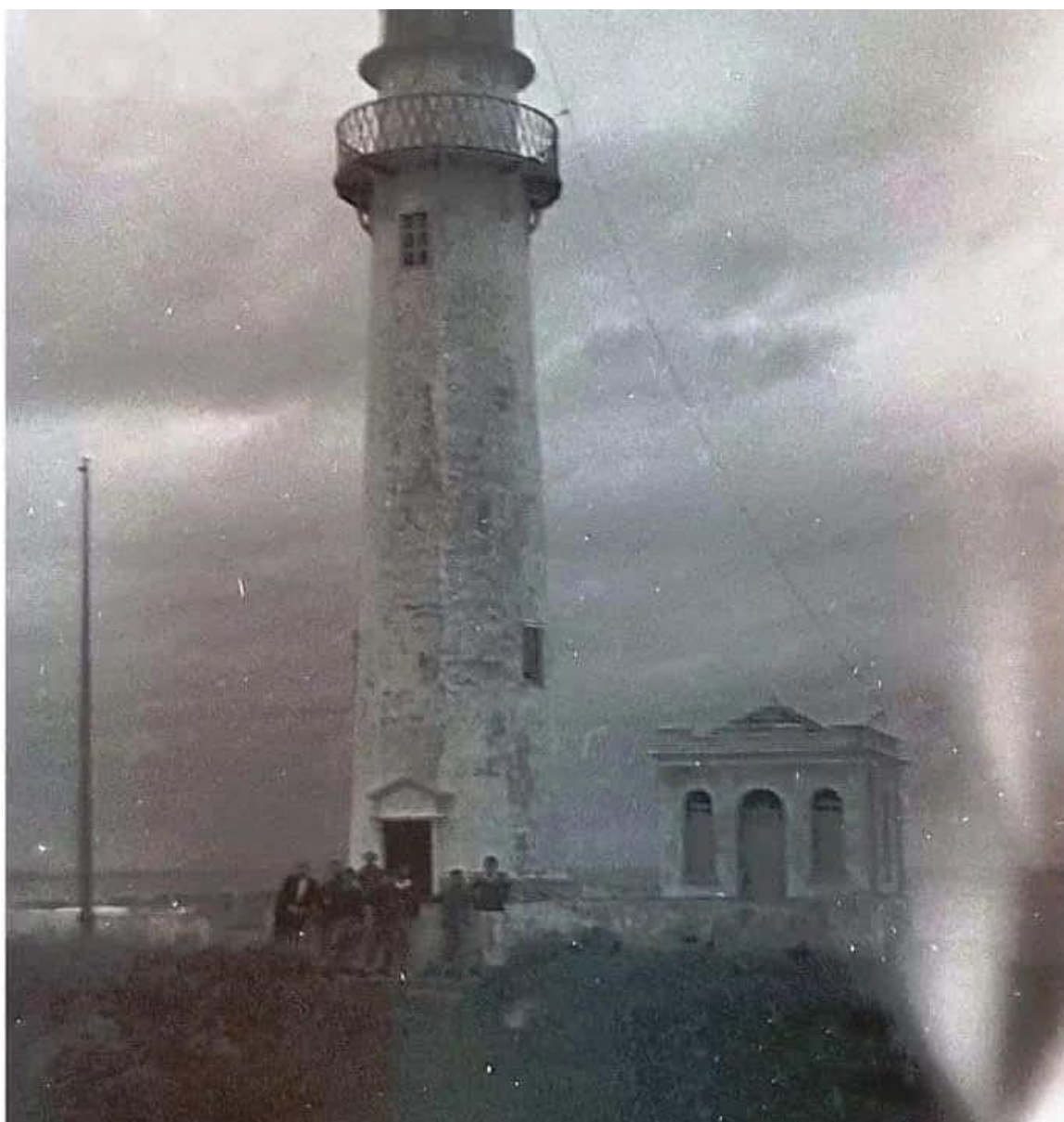


Figura (7) Farol sinalizador erguido em 1870. Fonte IPHAN 2008.

A movimentação de cargas para o porto de Paranaguá normalizou-se após a guerra e o serviço da marinharia e da praticagem passaram a operar com uma estação nas imediações do farol, formando ali um povoado estruturado com água encanada, gerador de energia, uma igrejinha isto veio favorecendo a volta do turismo de férias nos meses de julho que ressurgem na segunda metade de 1960. Esta época do ano continuava a ser a opção de frequentadores no balneário como prevenção pelos supostos casos de malária e a presença de insetos durante os meses quentes.

Já a região da Ponta Oeste se popularizou por causa da chegada do cabo do telégrafo e também da proximidade da cidade de Paranaguá, assim criando uma vila de pescadores onde contava com uma mercearia e abrigo.

O lado sul da Ilha do Mel ficava “isolado”, pelos costões rochosos por pequenos morros e isso dificultava a chegada de pessoas até a Prainha/Encantadas reduto dos nativos e pescadores. A partir do final dos anos 1950 os “de fora” ou turistas, como eram chamados pelos nativos, eram na sua maioria pequenos grupos familiares que procuravam o sul da Ilha do Mel por ter as fontes água de boa em abundância, pontos de pesca e principalmente os bailes de Fandango Caiçara comuns de acontecer na pequena vila chamada Prainha.

Com a melhoria das estradas que dão acesso às praias do litoral, tendo as obras finalizadas no início dos anos 1970 chegando até o balneário de Pontal do Sul, onde os visitantes passaram a ter embarcações e acesso facilitado ao vilarejo estudado a Prainha/ Encantadas que possui as lendárias grutas das encantadas. Costões e morros com locais abrigados para acampamentos onde os barraqueiros eram favorecidos com fontes de água cristalinas que desciam do morro Bento Alves as chamadas “bicas pelos nativos”.

1.3 Históricos do turismo na Prainha/ Encantadas

O turismo na Prainha/Encantadas veio se desenvolvendo em meados de 1960 com a presença de famílias com vínculos com os nativos, hippies e aventureiros, então a presença de turistas aumentou em meados da década de 1980, por meio das melhorias nos transportes rodoviários, nas vias de acesso do continente à Ilha do Mel. O transporte de turistas para a ilha, inicialmente era executado nas *canoas de um pau só*, passando depois para as *baleeiras*¹ as baterias² e os botes³ com cobertura, já com obrigatoriedade de pessoal marítimo qualificado e os equipamentos de salvatagem nas embarcações que partiam do balneário de Pontal do Sul tornando este, o principal local de acesso e, o mais curto para a Ilha do Mel. Com as melhorias das condições de acesso marítimo e a chegada da energia elétrica na Prainha, no final dos anos 1980, os visitantes procuravam espaço para montar acampamentos, pois traziam de tudo nas suas grandes mochilas. Conhecidos como “os barraqueiros”, eles mudaram a

economia na Prainha, e ao serem recebidos pelos *nativos*, assim eram chamados e, reconhecidos como pessoas de fora Alguns barraqueiros e visitantes, como eu, se tornaram proprietários de residências. Já os frequentadores assíduos vinham para a ilha, principalmente nos meses de verão ou no mês de julho, nas férias escolares. A partir da primeira metade dos anos 1990, a Vila de Prainha/Encantadas foi ganhando notoriedade.

Com o aumento de visitantes, como foi citado Athayde e Britez (1995), o turismo veio sendo transformador na vila da Prainha/ Encantadas e na Ilha do Mel. Foram décadas de investimentos e melhorias na infraestrutura turística, no embarque e desembarque público, nos meios de hospedagem, nos espaços para alimentação, nas trilhas, assim como na organização e repasse das informações aos visitantes. Com o tempo, vieram as boas práticas no turismo que foram avançando, com as capacitações oferecidas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC, onde a atuação do Serviço Brasileiro de Apoio Empresa (SEBRAE), incentivaram o fortalecimento dos serviços voltados para o ¹turismo, envolvendo a Associação dos Moradores das Encantadas e a Associação do Comercial das Encantadas desencadeando treinamentos de atendimento aos turistas e outras capacitações, oferecidas sempre com foco em melhorar a qualidade dos serviços turísticos na Ilha do Mel. Na pequena vila as melhorias favoreceram o aumento populacional de moradores e empreendedores e o uso do Marketing Digital a partir de 2005, veio promover a Ilha do Mel, como destino turístico importante, evidenciando a principal vocação do vilarejo estudado que mudou definitivamente o nome de Vila da Prainha/Encantadas, passando a ser reconhecida como Vila de Encantadas com Código de Endereçamento Postal, 83.251.000.

Mesmo com todas essas mudanças, principalmente com a chegada da internet, com a energia elétrica por 24 horas, a pesca da Tainha continua envolvendo as famílias de moradores tradicionais até hoje. Esta prática acontece nos meses de maio, junho e julho e, por conta de sua importância, todos os anos no mês de junho, temos o Festival da Tainha na Vila de Encantadas.

¹ Baleeira é um barco catarinense de pesca a baleia.

² Batera é um barco paranaense de pesca de camarão.

³ Bote é um barco de apoio portuário.



Figura (8) Divisão da pesca da Tainha. Fonte: Amani 2012.

Na primeira metade da década de 2000, um número considerável dos visitantes que começaram a desembarcar na Vila de Encantadas exibiam características e comportamentos inapropriados. Como a falta de educação ambiental e uso de drogas, foi necessário que houvesse ações em presença ostensiva da Polícia Militar do Paraná, para coibir o tráfico de drogas nos embarques públicos, e também nas áreas ocupadas na Ilha do Mel. Essas ações tornaram-se frequentes em todas as datas comemorativas, entre 2000 a 2025. Neste período, tivemos na vila aqui estudada, o início do turismo de massa. Eram excursões promovidas por agência de viagens, de Curitiba e alguns estados vizinhos, como São Paulo e Rio Grande do Sul, onde o foco era jovem em idade escolar no momento de conclusão do ensino médio. Era um público em potencial na faixa etária entre 15 e 17 anos incentivados pelo o slogan “a ilha do pode tudo” e, atentem... sem a presença dos pais, apenas monitores autorizados. Assim sendo, era permitido gritar, fumar, beber, tomar o primeiro porre e muito mais. Entre o período de 2012 a 2014 foram muitos jovens que nos meses de outubro a novembro desembarcaram na Vila de Encantadas. Esses turistas contavam com o suporte de barqueiros e donos de pousadas que ofereciam condições de acomodá-los em de leitos separados.

O aumento dos visitantes também contou com agências de viagens que buscaram promover excursões, acampamentos e passeios com o slogan Ecoturismo. Estas empresas contavam com a infraestrutura dos campings e essa prática de atendimento na base da comunidade, foi o meio de hospitalidade principal em pelo menos três décadas na vila estudada. Essa movimentação veio acontecendo principalmente nos réveillons, carnavais e datas comemorativas no calendário brasileiro perdurando até o ano de 2017. Nos anos de 2018 e 2019, novas mudanças no perfil dos visitantes puderam ser constatadas como a diminuição da chegada de excursões. Pós Pandemia os turistas que desembarcavam aparentavam ter maior poder aquisitivo, solicitando acomodações mais sofisticadas, exigindo dos prestadores de serviços um padrão qualidade superior como: padrão de quarto e pacotes completos, mais privilégios e conforto. Com isso, muitos moradores comerciantes, passaram a atender essa nova demanda, abrindo novos postos de serviço turísticos, como receptivo bilingue, serviço de copa, camareira especializada, garçon, transfer e etc.... Com todas essas transformações na Vila de Encantadas, os movimentos coletivos se transformaram em movimentos individuais.

A base da comunidade nativa manteve a chama acesa nas práticas culturais no núcleo das famílias tradicionais na Vila de Encantadas. As vivências no lagamar, a pesca da Tainha e o Fandango caiçara, assumiram uma nova importância como manifestações culturais que estão associadas ao Turismo de Base Comunitária. Ao mesmo tempo em que as famílias de nativos mantiveram a hospitalidade tradicional, também acompanharam o movimento contemporâneo, como os acampamentos equipados, quartos com banheiros privativos, cabanas, roteiros a pé em áreas naturais e o passeio náutico chamado “360°”, que fortalece o TBC moderno.

Na minha graduação, eu conheci o tema de estudo acadêmico Turismo de Base Comunitária, o TBC. No ano de 2024, me dediquei ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e, em estudos e bibliográficos específicos sobre a Ilha do Mel, em especial a Vila de Encantadas, fico mais atento nas transformações no turismo e seus desafios no mundo insular, descobrindo e avaliando várias questões. Busco proporcionar uma reflexão sobre o TBC na vila, colhendo as visões dos moradores nativos, dos proprietários de imóvel e dos frequentadores assíduos deste mundo insular.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Sobre a história da ocupação, a população nativa da Ilha do Mel, é formada por caiçaras. O termo caiçara vem do Tupi Guarani caá-içara, são denominados como Caiçaras, os povos cuja origem é resultado da mistura entre portugueses, indígenas e os povos escravizados que habitavam o litoral do Paraná, São Paulo (Sampaio,1987). Geralmente, são comunidades que vivem da pesca artesanal e praticam a agricultura de autoconsumo (Adams, 2000). Muita gente está envolvida nessa pescaria. Conforme descrito por (Martins et al., 2012),

“a pesca da tainha remete a um modo específico de organização social e divisão do trabalho entre as pessoas envolvidas, considerando os “donos da canoa”, os espias (que vigiam a movimentação dos cardumes no mar); popeiro ou patrão da canoa (que pilota a canoa e enfrenta as arrebentações do mar), o chumbeiro (responsável por lançar a rede ao mar com o popeiro) e os proeiros, que remam e direcionam a canoa”. (Martins 2012).

Essa população nativa, atualmente, vive em meio a uma comunidade mista, ou seja, uma nova comunidade de caiçaras e empreendedores que vem se formando por meio do turismo (Gonzaga et al., 2014; Denkewicz, 2016).

A realidade de ocupação da Ilha do Mel tem, na turistificação, a principal influência sobre as alterações ocorridas na forma de ocupação do solo. Até a década de 1970, predominava na Ilha uma ocupação de baixa densidade, com construções simples, destinadas à moradia dos pescadores locais. No entanto, “nas décadas que se seguiram, estas peculiaridades da Ilha do Mel se modificaram para sempre” (Kraemer, 1978: 83).

O histórico do turismo nas áreas ocupadas da ilha surge desde as primeiras décadas do século XX. Portanto, no vilarejo estudado o aumento de visitantes vem sendo marcada por diferentes fases, tendo a partir das últimas três décadas impactos mais marcantes com relação às transformações ocasionadas pela atividade turística. Trata-se de uma ilha que possui atrativos naturais e culturais ímpares e é frequentada por turistas e visitantes de perfil bastante diversificado. (Telles .Sperb 2004).

Na concepção de Athayde e Britez (1995), o início da década de 1980 foi marcado por uma mudança, quando o fluxo de turistas aumentou

consideravelmente e a população passou a conviver mais de perto com a dinâmica social trazida por eles. Em decorrência, ocorreram alterações nas práticas sociais, mudando radicalmente o estilo de vida dos nativos da Ilha do Mel. No final da década de 1980, o desenvolvimento do turismo também foi favorecido pelo estabelecimento da energia elétrica, e investimentos em infraestruturas na Ilha do Mel.

A característica principal da grande maioria dos proprietários é o fato de serem investidores que migraram para a Ilha do Mel, por afinidade e outros a fim de lucrar com atividades econômicas ligadas ao turismo. Constituindo estes proprietários como gente “de fora”, aí se distinguiu o migrante investidor em si e também o turista proprietário de “segunda residência”, que poderia transformar sua propriedade em comércio.

Neste sentido, Silveira (1998, p. 228) afirma que o crescimento turístico da localidade foi totalmente desordenado, devido à ausência de atuação efetiva do governo: “por muito tempo houve a ausência de uma política de planejamento e gestão que fosse eficaz para lidar com a maneira caótica como o turismo se vinha desenvolvendo na área”.

Todas as áreas de ocupação humana dentro da Ilha do Mel estão em área de amortecimento (UC) unidade de conservação estão, portanto, condicionadas aos termos existentes na Lei 9.985. De acordo com Silveira, em estudo sobre o turismo na Ilha do Mel, já indicava elevado grau de impacto ambiental nas áreas de maior concentração turística (Silveira, 1998).

A gestão da Ilha do Mel está organizada em diferentes escalas no nível público o federal, representada pela Secretaria do Patrimônio da União SPU, o Estadual representada hoje pelo, Instituto de Água e Terra, IAT e a Prefeitura Municipal de Paranaguá quem, também considera as formas de participação da sociedade civil, representada por algumas associações locais e que conforme sua importância e representatividade na(s) comunidade(s) participam do Conselho Consultivo Comunitário da Ilha do Mel.

O Estado do Paraná, através da concessão de uso obtida em 1982 (Portaria nº160 de 15 de Abril de 1982) é responsável pela gestão no local. Esta transferência passada do SPU (Serviço do Patrimônio da União), vinculada ao Ministério da Fazenda, para o governo do Paraná a responsabilidade, que por sua vez direcionou aos poderes do ITCF (Instituto de Terras e Cartografia)

autorização para outorgar concessões de uso na Ilha (Decreto nº. 4.964/85). Posteriormente foi passada para a responsabilidade de gestão ao Instituto Ambiental do Paraná (IAP), e em 2018 a responsabilidade de gestão da Ilha do Mel passou ao Instituto de Água e Terra (IAT) dos poderes para a fiel execução da gestão do local (Paraná, 2025). A Prefeitura de Paranaguá tem na administração municipal algumas responsabilidades e atribuições quanto ao gerenciamento da Ilha do Mel, dentre as quais o fornecimento de serviços básicos para a população residente – segurança, saúde, educação fundamental, coleta e gerenciamento de lixo. (Sperb, Esteves & Telles, 2007).

Criou se por força da lei nº 22315/2025), a UNADIM (Unidade Administrativa da Ilha do Mel), vem seguindo a normas antigas de caráter normativo e deliberativo, e terá como objetivo gerenciar as questões administrativas e atividades de interesse público e privado a serem desenvolvidas na Ilha do Mel (Paraná, 2025).

Neste novo momento a transparência terá que ser prioridade no que diz respeito à gestão dos recursos na Ilha do Mel. Não poderemos transmitir incertezas como se verificou na transição do conselho gestor anterior que representantes da população acreditavam que existia “uma barreira burocrática na utilização e repasse de verbas”, e que a Ilha do Mel necessitava de autonomia na tomada de decisões locais, para serem resolvidas questões diversas (Sperb e Teixeira, 2006; Telles, 2007).

O processo da gestão participativa no turismo baseia-se na idealização de um turismo responsável, onde o desenvolvimento territorial em face da atividade turística é considerado processo ideal a ocorrer na perspectiva de longo prazo (Gândara, Torres e Lefrou, 2003). Os diferentes segmentos institucionais do poder público estão pouco articulados. No caso das decisões referentes à Ilha do Mel, ocorre ausência da Secretaria de Turismo no planejamento turístico e nas tomadas de decisão quanto às questões ligadas ao turismo, como aspectos no atendimento, informação, estrutura e outros. Havia com isso, insatisfação da sociedade e rejeição ao IAP, que tentava resolver questões sociais e econômicas sem a aproximação daquela Secretaria (Telles & Sperb. Esteves 2009).

Nesse sentido, reforçam o que se discute na literatura sobre o Turismo de Base Comunitária, que vem reconhecendo a perda do protagonismo e o domínio

do turismo pela própria comunidade. Sobre isso, Fabrino Nathalia (2013) fez uma revisão “do arcabouço teórico do turismo comunitário, identificando os componentes recorrentes no entendimento do TBC, sob a ótica de seus estudiosos ou atores a ele relacionados: academia, governo, Ongs etc”. Segundo a pesquisa dela, o TBC é caracterizado por seis elementos-chave (dominialidade, organização comunitária, democratização de oportunidades e repartição de benefícios, integração econômica, interculturalidade e qualidade ambiental). No entanto, três anos depois, ela e outros pesquisadores, ao analisarem o caso da região da Prainha do Canto Verde, perceberam que, das 6 premissas discutidas, a “Dominialidade” (grau de domínio da comunidade sobre os aspectos de controle, propriedade e gestão da atividade turística) e a “Organização Comunitária” (processo de gestão consolidado em torno do TBC, além de sua interação com o ambiente externo) são elementos que realmente constituem o TBC (Fabrino, Nascimento e Costa, 2016). As demais premissas seriam possíveis efeitos do TBC, mas não são, necessariamente, elementos que caracterizam o TBC. Assim, para eles, um dos efeitos pode ser o compromisso de melhoria da qualidade de vida, bem-estar das populações locais e geração, distribuição de benefícios econômicos de forma equitativa, a valorização da cultura local, o reconhecimento e promoção das tradições e da cultura local. E também, segundo eles, o TBC pode contribuir para o compromisso com a proteção da natureza: preservação dos ecossistemas locais e educação ambiental, a geração de impactos em escala limitada. Da mesma forma, as falas dos entrevistados parecem indicar para a importância da comunidade se organizar mais, principalmente aqueles que já possuem ou participam da gestão do TBC.

Conforme a Lei nº 22315/2025), A Lei 22.315 - 20 de Março de 2025, que representa o mais recente Marco Regulatório da Ilha do Mel, cita, pela primeira vez, entre os documentos de planejamento da Ilha, o incentivo ao Turismo de Base Comunitária como um dos objetivos da política de preservação e proteção ambiental, turística, histórica e cultural na Ilha do Mel, em seu Art. 6º, conforme o texto abaixo e os respectivos incisos “A política de preservação e proteção ambiental, turística, histórica e cultural na Ilha do Mel deve ser executada de forma planejada, integrada, permanente e compatível com a presente Lei, com o

Plano de Controle Ambiental, Uso e Ocupação do Solo da Ilha do Mel e outras leis...” (Paraná, 2025).

Atualmente, existe um passeio náutico, o passeio 360° na Ilha do Mel, que se intitula como Turismo de Base Comunitária e é organizado pelos nativos, podendo ser uma proposta de “TBC moderno” na Vila de Encantadas. Ele foi construído, assim como outras experiências no litoral, como fruto das ações coletivas envolvendo múltiplos atores sociais, que têm como foco os desafios comunitários no turismo (Cabral, Irving e Nasri, 2023). Mesmo com essas múltiplas interações, entendemos que a organização do TBC tem no como elo principal, as comunidades, pois “São os residentes os agentes principais do desenrolar de todo processo de desenvolvimento e zelam pela qualidade dos relacionamentos interpessoais, interinstitucionais, aproveitam as sinergias em benefício da coletividade” (Coriolono, 2012, p. 64).

No inciso XIII “garantir o acesso e participação da população tradicional à formulação, implementação e avaliação das políticas públicas” e no artigo XX - promover o direito à memória e às tradições, reconhecer e valorizar a diversidade cultural da Ilha do Mel, visando à colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura, com a garantia da participação da sociedade na formulação e acompanhamento das políticas culturais; e no artigo XXI - compatibilizar as atividades de turismo ecológico e sustentável com a preservação da biodiversidade e das tradições e cultura locais destaca a participação, o reconhecimento da importância cultural e das tradições. Nos trechos seguintes, o Turismo de Base Comunitária também aparece.

XXV - desenvolver um calendário de eventos que fomentem o turismo sustentável de base comunitária na Ilha do Mel;

XXVI - valorizar a cultura como vetor do desenvolvimento sustentável nas ações de turismo;

XXVII - incentivar o Turismo de Base Comunitária a fim de garantir geração de renda e valorização da cultural local, que engloba turismo náutico, turismo de aventura, turismo religioso, turismo cultural, esporte e ecoturismo (PARANÁ, 2025).

E no inciso XXVIII - “valorização dos festejos culturais da Festa da Tainha, bem como assegurar o direito coletivo à pesca tradicional”. (PARANA,2025)

Portanto, considerando a importância que o TBC pode assumir, nota-se que, esse trabalho pode preencher uma lacuna, porque apesar de existirem

trabalhos acadêmicos que citam o TBC na Ilha do Mel, não há nenhum trabalho que aprofunde essa discussão.

3 MEUS RELATOS

Eu cheguei na Prainha ou Encantadas quando eu tinha 14 anos de idade, foi no final de 1976, e quem me trouxe foi a Família Cardoso, os pais da Elcinda, do Nelson, Luiz e Wilsinho, que vivíamos no mesmo bairro em Curitiba. Um dia eles me convidaram para ir até a Ilha do Mel, conhecer e acampar no quintal dos seus parentes. Quando chegamos à Vila da Prainha, fomos recebidos por Jose Serafim e Maria Emiliana Agostinho Serafim.



Figura (9) Maria Emiliana Agostinho a acolhedora. Fonte Dr Dalio Zippin, 1980.

Logo comecei a me enturmar, por ser este um clã com quase uma dezena de filhos, entre pescadores, mergulhadores e marisqueiras. Eles e elas praticaram o acolhimento com este que vos escreve e como um irmão, me batizaram de Mano Maninho.

As atividades deles e delas eram no mar a maioria do tempo. Eu até tentei acompanhar e ser aprendiz de pescador, de mergulhador, mas a minha inserção neste mundo insular foi reconhecida por minhas habilidades escolares. Foi na leitura e contas matemáticas, necessárias durante a pesagem das

pescarias, onde fui inserido. Lugar pequeno tem muita fofoca, e logo fui útil aos pescadores nativos mais velhos, principalmente para auxiliar nos registros da pesagem junto aos atravessadores. Contas matemáticas justas, lucro garantido. Isso acontecia durante as vendas dos frutos do mar, sejam camarões, siris, mexilhões e pescados, muitos peixes. O que era adquirido com a pesca era rapidamente resfriado com gelo ou na água gelada, para depois ser levado para o mercado de peixes, na cidade de Paranaguá.

Na Prainha, com eles e elas, conheci de perto a cultura caiçara com seus múltiplos desafios. A Vila da Prainha tinha à sua volta, muitas praias como a Praia do Bananal, Praia do Lanço Novo, a Praia do Lanço do Campo, Praia da Gruta, Praia da Boia, Praia de Fora, Praia do Gaspar, Praia do Meio, Praia do Saquinho e Praia do Miguel. A Prainha, vilarejo com seus sinais da vida primitiva ali e aqui, dos sítios históricos e vestígios do engenho, das senzalas que existiam e viraram alicerces na construção de casas de moradores. Na Prainha pouco foi estudado ou dada importância a estes sítios históricos, que poderiam evidenciar formas da vida insular antiquíssima.

Aqui na Prainha/Encantadas, um fator de destaque foi a água limpa e cristalina que descia do morro alto, este, chamado de Morro Bento Alves. No entorno da nascente as marcas da presença do povo originário, dos escravizados, dos marinheiros e padres da companhia de Jesus entre outros colonizadores que foram pouco estudadas até hoje. Os moradores mais antigos da Prainha como Cermirio Maria, Euripedes Serafim e José Valentin Ermicinda Gonçalves que carregavam na pele a ancestralidade escravizada. Eu tive o privilégio de conviver com eles e elas aqui na Prainha, escutando histórias como a do Escravo Ladino, contada pelo seu Lavino Pereira, que tratava sobre a chegada de novos moradores na Prainha, onde o morador mais antigo ficou desconfiado e pediu ao seu escravo de confiança, que escondesse sua riqueza. A ordem era para esconder tudo no buraco fundo da Praia Pontinha, aos olhares do feitor, diz a história. Obedecendo às ordens, Buiú, como era chamado o escravo, ia diariamente lançar ao mar os sacos amarrados, com ouro e prata do seu feitor, diz a história. Após dias de despejos, do alto da Pontinha, Buiú recebia aplausos e gritos a cada saco que era escondido no buraco fundo da Praia da Pontinha, diz a história. Chegando o dia onde a esperteza do ladino e a oportunidade apareceu... Buiú embarcou na pequena canoa para a derradeira

tarefa, substituiu alguns quilos de ouro e prata, por pedrinhas miúdas de basalto e granito, dentro dos sacos que foram lançados ao mar, sobre os olhos do feitor que festejou o fim da tarefa determinada diz a história. Repentinamente em meio ao olhar assustado e surpreso, o feitor bradou: “Aonde que você vai, negro fujão? Volte aqui que ainda tenho trabalho para você...” o ladino Buiú remou sem um destino certo, com a canoa de fundo precioso e, a cada remada, buscou livre um lugar no Lagamar, é o que diz a história.

Além das histórias de um tempo antigo, logo percebi as marcas dos sítios históricos, sem ter noção da importância da ocupação milenar quem viveu neste mundo insular. Como exemplo citado, o barranco de conchas de Berbigão, que é um sambaqui. Eu não conhecia as pedras de amolar, que se usava para o trato com o pescado e cortar lenha fui me deparando e identificando a lenha seca, e com isso pude constatar que na floresta insular vertiam as maravilhosas fontes de água cristalina hábitos de sobrevivência. Acredito ter sido a água, o primeiro atrativo para iniciar os desembarques dos colonizadores na Vila da Prainha, a qual aqui apresentada em foto na (Figura 10).



Figura (10)- Visão aérea da vila da Prainha Fonte: Vianeí Wandresen 1979.

No início do ano de 1980, fui convocado para cumprir o serviço militar em Curitiba e lá permaneci até o início de 1981. No mesmo ano retornei para Prainha ou Encantadas. Em meados de 1983, com a aprovação e apoio da família Valentin, aconteceu o meu noivado com a Ana Valentin e demos início à família Valentin Alves. A família Valentin é tradicional e sempre foram uma das mais importantes da Ilha do Mel, por conta dos traços do povo originário, caixaras hábeis que dominavam a Prainha. Eles tinham na Merceria Valentin, os preparados para a pesca, redes e embarcações, além de demonstrar o domínio do território. Era uma das famílias mais antigas deste mundo insular. Fui “aceito” e comecei a morar no vilarejo, onde eles e elas reconheceram que eu estava qualificado para exercer qualquer função na família tradicional e ser útil no vilarejo. Destaco o acolhimento de Valdemar Valentin e Felicidade Crisanto Valentin e sua numerosa família. Essa família da Prainha/ Encantadas me apresentou a lida no mar e como era o turismo que eles e elas viviam no mundo cercado de água por todos os lados. Lá estava Eu, na condição de alguém “de fora”.

Estava participando da pescaria e venda dos pescados nos barcos da Família Valentin que foram se tornando mais frequentes, me oferecendo conhecimento da vida embarcada e a lida da maré no lagamar na baía entre os municípios de Paranaguá e Guaraqueçaba. No ano de 1984, com a intenção pessoal de embarcar e trabalhar em barcos que transportavam passageiros foi quando me habilitei para ser Marinheiro Regional, curso oferecido pela Capitania dos Portos de Paranaguá. As oportunidades de trabalho nas embarcações foram surgindo porque, em feriados prolongados, muitos visitantes apareciam de Pontal do Sul para a Ilha do Mel e os pescadores da Ilha com seus pequenos barcos transportavam os visitantes e suas bagagens e, era quando eles me chamavam para suprir a demanda.

O início da minha participação no movimento comunitário na Prainha foi no ano início de 1984, com a fundação da Associação dos Moradores da Prainha onde recebemos na comunidade o Vereador Massamy Takayama de Paranaguá e o Deputado Estadual Amadeu Geara, que vieram à Vila da Prainha acompanhado pelo Maurício Gadotti, chefe de Gabinete do prefeito de Curitiba, Maurício Fruet. Contaram para nós que já estavam em fase de desenvolvimento

tanto em Curitiba quanto Paranaguá, a democratização dos bairros onde estavam incentivando o associativismo. Naquela ocasião, criamos a Associação dos Moradores da Prainha da Ilha do Mel, a qual foi registrada no dia 28/04/1985 na comarca de Paranaguá, conforme demonstrado na Figura 11. A primeira diretoria executiva foi formada por Eurípedes Serafim, Amani Fernando Alves, Pedro da Silva, Valdemar Valentin, João Rodrigues, Antonio Carlos dos Santos, João Carlos dos Santos Valentin, Jair Agostinho Serafim, Lavinio das Neves Pereira, Cesario da Silva, Antonio das Neves Veiga, Adinir das Neves Pereira, Arlindo Valentin, Orlando Mendes e Clodoaldo Campos. Com a associação registrada, os encontros eram feitos na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na Prainha. Em outra reunião com o Vereador Massamy ele ressaltou a importância da união da comunidade, dos benefícios que poderiam trazer por meio de uma associação constituída e registrada em cartório. Na ocasião o Vereador solicitou à diretoria da associação que buscasse identificar as principais necessidades do povoado. Foi quando a diretoria, em conversas com moradores da Prainha, escolheu as seguintes necessidades: reforma da escola e o posto de saúde

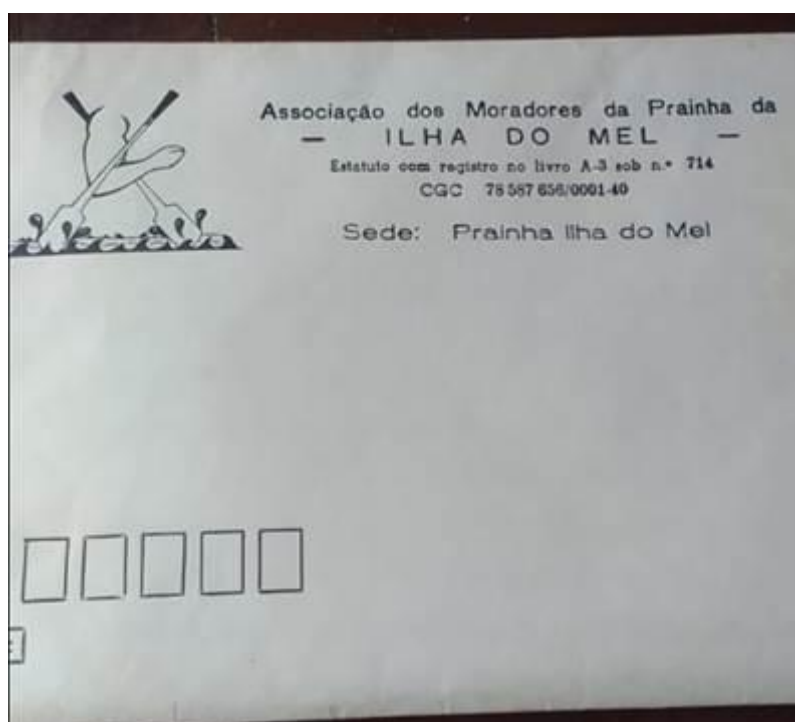


Figura (11) Associação dos moradores da Prainha . Fonte Amani 2025

No ano de 1986, como secretário da associação de moradores da Prainha, em audiência com o prefeito de Paranaguá com objetivo de solicitar a reforma da Escola Rural Municipal da Prainha, na Ilha do Mel, (Figura 12), sou indicado para professor do Ensino Fundamental no município de Paranaguá. Com a sensibilização do prefeito, ele prometeu e entregou a escola em alvenaria, (Figura 13) com uma sala, cozinha e dois banheiros no dia 29 de março de 1987.



Figura (12) - Escola Rural Municipal da Prainha . Fonte: Amani e Aragão.1984



Figura(13)Escola Municipal do Campo Teodoro Valentin.Fonte: Amani 1987.

Além do meu envolvimento com a Associação da Prainha, atuei na escola como professor. Na segunda metade da década de 1980, na correria para sustentar a família, aproveitando o movimento nos feriados e temporada de verão, trabalhei com transporte de passageiros e cargas nos barcos dos Valentin. Neste período, como Marinheiro Regional, estava habilitado a navegar no convés de barcos de passageiros Figura (14) dentro dos limites das baías de Paranaguá, Antonina e Guaraqueçaba.



Figura (14) Retrata o embarque dos barraqueiros em Pontal do Sul. Fonte Amani 1987.



Figura (15) Praia de Pontal do Sul o embarque para a Ilha do Mel. Fonte: Amani 1992.

Na primeira metade dos anos 1990, o desenvolvimento do turismo cresceu na vila da Prainha/ Encantadas, e as oportunidades de melhora na qualidade de vida surgiram com a oportunidade de famílias que tinham barracos de aluguel Figura (16) terrenos apropriados para colocar barracas e atender os barraqueiros, assim chamados pelos nativos, Figura 17

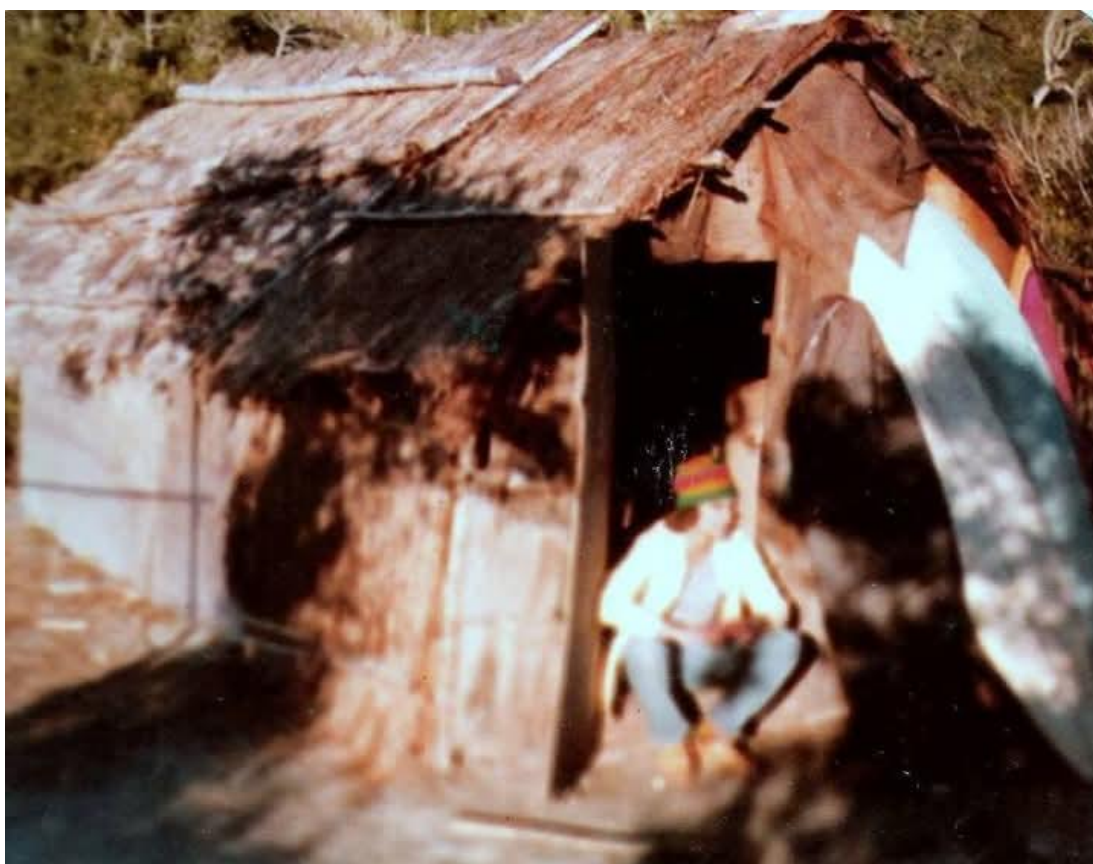


Figura (16) Barraco de aluguel. Fonte: Roberto Paese.1979.

Outras famílias, assim como eu, nos organizaram e buscaram informações para regularização junto a prefeitura de Paranaguá. A proposta era formalizar o ponto como meio de hospedagem familiar, oferecendo além da área sombreada, assim como em minha propriedade, no Camping do Maninho (Figura 17). Passamos a oferecer segurança, banheiros com vasos e duchas, cozinha coletiva, ponto de energia e tudo para melhor atender os barraqueiros. Nós estávamos seguindo outras pessoas da Prainha/Encantadas que também passaram a legalizar seus campings, pousadas, restaurantes, tais como

camping do Tio Romão Camping da Tia Lenita a pousada da Tia Maria, a lanchonete Paraíso, e os restaurantes da Tia Tina e Sonho de Verão.



Figura (17) Camping do Maninho. Fonte: Amani 1993.

Foi na metade da década de 1990 que o turismo na comunidade com os campings se fortaleceu. Devo destacar a força política do deputado Renato Adur e a representatividade da Associação da Prainha, já reconhecida como de utilidade pública no território. Essa união de esforços político comunitário, veio fortalecendo favorecendo a chegada de infra estruturas. inovações transformando o turismo local.

Essa localidade aqui estudada passou a ser chamada de Vila de Encantadas, para mim e o novo milênio combinou com a chegada da energia elétrica 24 horas por cabo submarino que trouxe também a internet. Foi um marco significativo e transformador deste mundo insular. Este momento mereceu destaque em uma matéria do jornal a Folha de Londrina, publicado no ano 1999, anunciando a chegada da inovação, destacando a passagem do cabo de energia, enaltecendo a ação do governo.

Nos anos de 2001 a 2005 as associações e autarquias foram desenvolvendo cursos voltados para o uso da tecnologia digital, que estava chegando na Ilha do Mel. Realizamos cursos para uso das redes de internet, sendo os certificados emitidos pela Companhia de Tecnologia da Informação do

Estado do Paraná (Celepar), capacitação que aconteceu na Biblioteca Comunitária Vô Lavino, espaço foi equipado com computadores e sinal de internet, proporcionando as práticas digitais, para uso dos alunos e moradores da Vila de Encantadas. Neste período foram ofertados cursos na área de tecnologia da informação, influenciando as práticas no turismo virtual entre os comerciantes com sites e páginas na internet e com isso, a comercialização do turismo na ilha foi deixando de ser presencial. Sendo este, mais um marco de destaque que trouxe transformações para esse mundo insular.

Entre 2006 e 2007, foi criado o curso de condutores locais para atuar na Ilha do Mel com o objetivo de melhorar o atendimento aos visitantes. Dos 24 selecionados, eu fui um deles. O curso de Condutores em Áreas Históricas e Naturais na Ilha do Mel foi conduzido pelo Instituto de Ecoturismo do Paraná, com o apoio de autarquias estaduais, como SEBRAE, IAP, atual Instituto de Água e Terras - IAT, Secretaria de Turismo do Paraná (SETU) e Secretaria municipal de turismo de Paranaguá. O curso teve carga horária de mais de 150 horas. Os 24 selecionados seguiram até a conclusão dos módulos, e como requisito, tiveram que cumprir o estágio obrigatório de 25 horas. Em 2009, fomos certificados como Condutores Especializados na Ilha do Mel. Os 12 condutores participantes da Vila de Encantadas vieram fortes na atividade até o ano de 2012, atendendo no desembarque oferecendo orientação e guiamentos na Ilha do Mel. A partir de 2016 o mercado de trabalho com turismo se tornou mais diversificado, ampliando os serviços. Com isso, houve necessidade de pessoal qualificado e os condutores locais estavam na linha de frente, pois eram jovens preparados para estas atividades. Como consequência disso, o grupo de condutores foi perdendo a importância, onde a proposta foi substituída por outras funções e novos postos de trabalho com estabilidade e melhores rendimentos.

Continuo atuando como condutor na Ilha Do Mel em áreas históricas e naturais, conforme Figura (18)



Figura (18) Condutor local. Fonte: Janaina 2025.

Como empresário do turismo, agente comunitário, condutor local, ex-professor, praticante e apoiador da cultura caiçara aceitei participar do Grupo de Fandango de Encantadas. Grupo recriado em 05/07/2017, já reconhecido pelo IPHAN Paraná e pela Secretaria Municipal de Cultura de Paranaguá. O grupo, do qual eu sou integrante, vem realizando apresentações coletivas em eventos do calendário local mantendo acesa a chama do Fandango Caiçara no território. O grupo tem sido convidado para abrilhantar o Festival Nacional de Fandango há pelo menos cinco anos, mantendo e revigorando a cultura local. Conforme ilustrado na Figura 19, as vestimentas características do fandango são destaque aqui. O grupo é formado por cerca de 10 pessoas e essa foto é uma homenagem à primeira formação oficial.



Figura (19) Fandango Caiçara de Encantadas. Fonte: Particular do Grupo, 2018.

Este final de década 2019, também foi marcado pelo meu encontro com a extensão universitária no projeto Anfitriões do litoral da UFPR, liderado pela doutoranda Beatriz Cabral que promove com essa iniciativa o TBC no litoral do Paraná, Figura 20.



Figura (20) Grupo de Anfitriões do litoral, liderado pela Professora Beatriz Cabral. Fonte Amani 2019.

No ano de 2021, influenciado pela Professora Beatriz, pelas atividades do Grupo de Anfitriões, eu ingressei na UFPR, como graduando no Curso de Tecnologia e Gestão de Turismo. Essa experiência me possibilitou o ganho de conhecimento onde aprendi sobre o uso das tecnologias na gestão e nos serviços turísticos, além de desenvolver um olhar mais crítico e minucioso do turismo insular chamada Vila de Encantadas na Ilha do Mel.

Como fruto da minha participação na discussão sobre o TBC, nos muitos encontros que fizeram parte do Grupo de diálogos TBC Litoral, eu acompanhei na Assembleia Legislativa do Paraná, a Audiência Pública (Figura 20) organizada pelo deputado Goura, em junho de 2023, para discutir o projeto de lei 138/2021, sobre o Turismo de Base Comunitária no Paraná.



Figura (21) Audiência Pública para debater o projeto de lei sobre o TBC no Paraná
Fonte: Mandato Goura, 2023.

Assim, é possível considerar que participei desse marco da construção do TBC como iniciativa política e tenho entendido o TBC como resistência, marcado por uma pequena parcela de comunidades do litoral que mantém hábitos e costumes da cultura caiçara e procura unir forças para enfrentar seus desafios. Nesse sentido, o presente trabalho pode contribuir para chamar a atenção dos gestores do turismo, sobre as possíveis ameaças que o TBC enfrenta e, inspira outras discussões nas ilhas do litoral paranaense.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa teve como base uma abordagem qualitativa e exploratória. A principal ênfase está nas vivências, memórias e visões pessoais sobre as transformações do turismo nesse mundo insular. Essa abordagem justifica-se pelo caráter inédito do problema de pesquisa, em que se propõe uma nova forma de compreender a dinâmica do turismo na Ilha do Mel, a partir da “base comunitária”. Nesse formato, isso envolve pessoas que estabelecem vínculos profundos com o lugar, entre eles, eu, na condição de um pesquisador, que viveu a maior parte da vida na comunidade do vilarejo da Prainha, que depois passou a ser chamada de Encantadas. Relatar essa história, ou melhor, escrever as minhas vivências teve como inspiração a ideia da “escrevivência”, abordagem que vem sendo discutida por pesquisadores, principalmente da literatura afro-brasileira, tendo como referência, a obra literária da escritora Conceição Evaristo.

“É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha” (Evaristo, 2020, p. 35)

Foi com essa inspiração que fiz o exercício de registrar as minhas vivências. e na condição de pesquisador, desafiei minha escrevivência por meio dos registros das entrevistas que realizei com 10 (dez) moradores nativos, 9 (nove) proprietários de residência e os 3 (três) frequentadores assíduos. Com eles e elas, avaliei as transformações ocorridas.

4.1 As etapas da pesquisa

Essa pesquisa começou em 2024 e envolveu diversas técnicas e abordagens apresentadas no Quadro 1

Etapas	Técnicas de pesquisa	Tempo	Resultados

Etapas 01: Pesquisas bibliográficas sobre a Ilha do Mel, sobre o turismo em Encantadas e sobre Turismo de Base Comunitária.	Pesquisa e participação em aulas que discutiram sobre as comunidades locais da Ilha do Mel, sobre Turismo e bens patrimoniais, sobre Turismo De Base Comunitária, gestão e desenvolvimento do turismo	Agosto de 2024 até agosto de 2025	Elaboração do projeto do TCC.
Etapas 02: A escrita sobre a minha vivência	Vivência como morador a mais de 40 anos	Março de 2024 até abril de 2025	Relato crítico sobre o turismo na Ilha, a partir da minha observação e vivência.
Etapas 03: Entrevistas com nativos, frequentadores assíduos e proprietário de segunda residência	Entrevistas realizadas com os nativos, com os frequentadores (“os de fora”) e donos de segunda residência	Abril até julho de 2025	Texto com as entrevistas transcritas, identificação e separação por temas.
Etapas 04: Organização e análise dos resultados das entrevistas	Análise temática- Interpretação e identificação dos principais temas.	Junho e julho de 2025	Capítulo com os resultados da pesquisa Recorte e separação por temas

Quadro 1 - modo de operação da Pesquisa

Conforme consta no Quadro 1, as Etapas 03 e 04 estão relacionadas à análise temática, segundo as discussões de Dias e Mishima (2023). Assim, após a execução das entrevistas, foi realizada a transcrição literal através do aplicativo SONIX e do Whatsapp. Na sequência, as transcrições foram impressas e foi efetuada uma leitura geral, para familiarização com os dados. Desta forma foram identificados os sentidos e contextos que marcaram a visão de cada entrevistado, conforme os temas das perguntas: mudanças, influências, TBC, Marco Regulatório e sugestões.

4.2 Justificativa

É importante registrar que, as entrevistas com os nativos e sua análise dos dados foram realizadas em parceria com a professora orientadora da monografia, Beatriz Cabral, autora da pesquisa de doutorado: “AQUI É A CASA DA GENTE”: experiências e significados sobre o Turismo de Base Comunitária no Litoral do Paraná. Assim, nesse processo, foi possível aperfeiçoar o contato e interação com os entrevistados e também foi utilizado o conteúdo do documento “Registro de Consentimento Livre e Esclarecido”, (RCLE) já aprovado por Comitê de Ética (Anexo 01).

As conversas/entrevistas presenciais com os moradores nativos foram agendadas por mim, via whatsapp e aconteceram em locais escolhidos pelos próprios entrevistados, geralmente na casa deles. Nessa parceria, antes de começar a entrevista, eu apresentei a pesquisa, fiz a leitura das perguntas que seriam feitas para que, na sequência, as pessoas decidissem se queriam participar. A pesquisa só foi iniciada após a concordância da pessoa a ser entrevistada. Também entreguei uma cópia do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). Todas as entrevistas foram gravadas com o uso de microfone de lapela.

No documento, os entrevistados também informavam se preferiam que o seu nome fosse indicado ou se preferiam um nome fictício, no momento de apresentar suas falas no texto. Todos os entrevistados assinalaram a opção de “querem serem identificados” e, por esse motivo, seus nomes foram mencionados no texto. As transcrições das entrevistas foram realizadas por mim, via aplicativo de mensagens. As transcrições das conversas/entrevistas com os moradores nativos foram realizadas com o apoio de aplicativo de transcrição (aplicativo SONIX), que possibilitou uma reprodução automatizada dos áudios gravados. Posteriormente, os textos transcritos foram revisados, ajustando os eventuais erros.

A metodologia para etapa da análise dos dados também foi realizada em parceria com a doutoranda/orientadora do TCC. Para facilitar, optamos por imprimir o conjunto de textos de todas as transcrições e recortamos os trechos mais relevantes. A análise foi feita em parceria com a pesquisadora/orientadora, momento em que lemos todos os textos das transcrições e, a seguir, recortamos, literalmente, alguns dos trechos para depois agrupar as falas por tema e organizar as relações entre elas. Com isso, nós discutimos sobre os pontos que mais chamaram a atenção, antes de passar para a elaboração do texto sobre os resultados das entrevistas.

4.3 Participantes da pesquisa como proprietários e frequentadores

“De Fora” é um termo bastante usado pelos nativos, para se referirem principalmente a nós que viemos de outros lugares. Eu entrevistei frequentadores assíduos, moradores, comerciantes e donos de segunda residência na Vila de Encantadas. As entrevistas foram realizadas

principalmente por envio das perguntas por aplicativo de mensagem Whatsapp ..

O conjunto dos dez entrevistados está relacionado no quadro 2 abaixo:

Nome	Idade (em 2025)		Como a pessoa se apresenta
Danielle	55	Proprietária	É de Curitiba. Historiadora conhece e frequenta a comunidade há 50 anos possui residência nas Encantadas
Beatriz	64	Frequentadora assídua	É de Curitiba Bióloga, ambientalista, analista de tecnologia, e conhece a comunidade de Encantadas há mais de 30 anos.
Emerson	54	Proprietário	É de Curitiba mora há 30 anos na ilha, hoje é comerciante na Encantadas.
Ana	40	Frequentadora assídua	É de Araucária Educadora Patrimonial, Pedagoga, terminando mestrado em Arqueologia, visita há mais de 20 anos o povoado das Encantadas.
Rosangela	65	Frequentadora assídua	É de Curitiba, Socióloga. Conhece a Encantada há mais de 30 anos. Frequentadora assídua.
Alexandre	54	Proprietário	É de São Paulo, Marinheiro, casado com uma nativa e conhece a Encantadas há mais 30 anos, casado com uma nativa, trabalha com passeios turísticos e transporte de passageiros
João Guilherme	44	Proprietário	É de Curitiba, conhece a Encantadas desde pequeno, está há mais de 15 anos como empresário no ramo de hotelaria, sócio de um restaurante e uma pousada chamada Fim Trilha Gastronomia. Está Presidente do convention bureau da Ilha do Mel e está envolvido na promoção de eventos.
Jean	59	Proprietário	É de Paranaguá, frequenta a Encantadas há pelo menos 30 anos. É proprietário, de residência e comandante da divisão marítima da Guarda Civil de Paranaguá
Janaina	32	Proprietária	É de Curitiba conhece a Encantadas há mais de 20 anos, ocupa um lote na praia das Encantadas onde é comerciante.
Cassiane	60	Proprietária	É de Curitiba e vive na vila de Encantadas há mais de 30 anos, casada com nativo e se reconhece como confeitadeira
Barbara	36	Proprietária	É de Curitiba e vive na Encantadas a mais de 30 anos casada com nativo e é empresária
Renato	77	Proprietário	É de São Mateus do Sul, e possui propriedade nas Encantadas há mais de 40 anos, ex deputado estadual é o atual superintendente estadual na Ilha do Mel

Quadro 2: retrata algumas características dos entrevistados, moradores (as), proprietários (as), e frequentadores (as) assíduos.

Participantes entrevistados como moradores nativos. Os moradores nativos são os que nasceram na Ilha do Mel e vivem na comunidade. O roteiro e

as perguntas das entrevistas, conforme consta no Apêndice 01 e 02, contém 05 perguntas sobre o turismo, além das questões sobre informações pessoais (nome, idade e sexo). A lista dos moradores nativos entrevistados está no quadro 3 a seguir.

Nome	Idade (em 2025)	Como a pessoa se apresenta
Aguinaldo	54	Nativo Presidente da Associação dos Nativos das Encantadas. Proprietário e gestor de transporte de passageiros Odara e no transporte entre Encantadas e Nova Brasília.
Romilda	46	Nativa pescadora, marisqueira, possui quartos para alugar e atende com serviços de aluguel de cadeira e guarda-sol
Deivid Willian	39	Nativo participa da gestão familiar de serviço de alimentos e bebidas na Praia de Fora das Encantadas e também na gestão da pousada familiar.
Jhenifer	31	Nativa Ex-presidente da Associação das Mulheres da Ilha. Participa da gestão familiar da pousada e da lanchonete/confeitaria.
Clodoaldo	54	Nativo pescador profissional, fandangueiro participa da gestão familiar de venda de alimentos e bebidas na Praia de Fora de Encantadas e também na gestão do camping.
Celia	60	Nativa, empresária no meio de hospedagem, trabalha com turismo há quase 50 anos.
Rodrigo	47	Nativo empresário do transporte de passageiros, inclusive o passeio 360° e proprietário e gestor de meio de hospedagem
Vinícius	41	Nativo Mestre de cabotagem participa da gestão de meio de hospedagem e de passeios náuticos, entre outros roteiros.
Juliano	36	Nativo Empresário do transporte de passageiro, condutor local, seu forte é o passeio 360° entre outros roteiros
Tania	42	Nativa empresária do meio de hospedagem. Ex-presidente da Associação das Mulheres da Ilha. Coordena ONG de defesa dos animais da ilha do mel.

Quadro 3 : Retrata as características dos nativos entrevistados.

5 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

5.1 As mudanças e influências

Sobre as mudanças no turismo da Vila de Encantadas, podemos entender que o resultado da maioria dos entrevistados foi afirmativo, que sim, elas ocorreram e que essas transformações trouxeram fatores positivos e negativos. Dos positivos, a melhora na economia e na qualidade de vida fica evidente nos depoimentos. Isso reforça meu relato que traz a organização interna através da criação da Associação dos Moradores da Prainha onde o grupo buscava atender as demandas da educação, da rede e distribuição de água. Pela organização da comunidade, a presença dos barraqueiros dentro da unidade de conservação, passou a ser controlada, pois com eles, sempre havia algum tipo de desmate trazendo prejuízos ambientais e de segurança. Por esse motivo, as barracas passaram a ser armadas apenas nos quintais dos pescadores. O destaque desta ação comunitária trouxe renda alternativa, centralizou o lixo e diminuiu os impactos no meio ambiente. Isso aconteceu na metade da década de 1980 e 1990. Nesta década a Associação organizou-se, contando com o apoio do gabinete do Deputado Estadual Renato Adur, que teve forte influencia e colaboração para a implementação e chegada da energia elétrica, das linhas telefônicas, do projeto dos campings, a construção posto de saúde na Vila de Encantadas, a coleta de resíduos, conforme aparecem no meu relato, dentre outras iniciativas de desenvolvimento para as áreas ocupadas.

Com a chegada da energia elétrica por cabo submarino 1999 o governo do estado do Paraná, implementou um conselho gestor e a taxa de visitação, favorecendo a chegada de infraestrutura de embarque e desembarque na vila de Encantadas e no terminal publico de Pontal do Sul.

A partir da análise das entrevistas, percebemos que os entrevistados costumam dividir a história do turismo entre dois tempos: o tempo antigo, “de antigamente”, “antes” e o “de uns vinte anos pra cá”, que inclui “os dias de hoje”. Com isso, eu e a orientadora elaboramos um quadro sobre a evolução do turismo Quadro 4.

Temas	Antigamente 1985 – 2000	De uns anos para cá de 2000 até 2025
Motivações dos viajantes/turistas para visitar a Ilha	Por ser uma Ilha, busca pela liberdade, pescaria, aventura na natureza e simplicidade, festejos, vivência com os moradores nativos, preços populares.	Marketing digital da Ilha como paraíso com facilidade de acesso e oferta de serviços, festejo e evento cultural e esportivo (surf, voo livre e caminhadas), liberdade, beleza das praias, eventos e por ser uma ilha.
Perfil dos turistas	Grupo de jovens e famílias, “barraqueiro” (usavam barracas), turistas estrangeiros, “malária”, muitos grupos de excursões	Famílias, agências, jovens, casais, turistas estrangeiros, viajantes sozinhos, aposentados, família,
Hospitalidade e envolvimento comunitário	Acampamento no terreno do nativo. Barraco de aluguel, Festividades, bailes, pesca coletiva, mergulho, quarto coletivo	Pousada, hostel, acampamento, pescaria, baile na Praça de Alimentação, eventos e passeios
Importância econômica	Pescarias, arrasto de camarão, retirada de mexilhões, caça submarina, a Pesca da Tainha, venda ambulante, barraca de petisco no mar de fora acampamento, quartos e transporte de turistas com barco de pesca.	Praça de alimentação Transporte de passageiros, passeios náuticos, locação de caiaque, stand, aulas de surf, pousadas, hostel, casa mobiliada, festival de Jazz, festival da Tainha, “temporada de verão”
Organização da comunidade	Início do associativismo, importância da associação dos nativos, dos moradores, do comércio, das mulheres, surgimento da Praça de Alimentação. transporte da Prainha/Encantadas para a Brasília, Biblioteca e o Tele Centro	"Desunião", "comunidade dividida", individualismo, muita gente de fora não acontece decisões coletivas. Criação de protocolo de consultas, o passeio 360, A Praça de Alimentação e eventos em geral.
Gestão pública	Criação da Estação Ecológica, Planos de Uso da Ilha, ITCF, IAP a Polícia Ambiental, Portarias dos campings	IAT, Parque Estadual, Apoio a projetos. Conselho Gestor, o Parque estadual da Ilha do Mel, privatização da distribuição da água,, investimentos em infraestrutura de embarque e desembarque, reforço na segurança, melhora na saúde, educação, o terceirização da coleta e retirada dos resíduos
Serviços públicos e infraestrutura	Polícia ambiental; coleta de lixo; comunidade, trapiche comunitário, reforma da escola; posto de saúde, chegada da energia elétrica, embarque na praia	Luz e internet 24 horas e diversidade de serviços públicos municipais: educação, saúde, coleta de resíduos e retirados e estaduais AGEPAR, controla o transporte IAT, polícia administrativa, a UNADIM.
Acessibilidade e comunicação	Trajetos eram feitos a remo, depois vieram os barcos a motor	Barcos regulares e rápidos, marketing digital realizado principalmente por empresários "de fora", agências colocam a ilha como um “cartão postal”

Quadro (4) Síntese dos transformadores no turismo da Prainha/Encantadas, a partir do relato dos entrevistados.

A forma de trabalhar com o turismo na vila se transformaram a cada década, onde nós, moradores, comerciantes, sejam nativos ou de fora, fizemos transformações necessárias, e muitas vezes tivemos que nos adaptar às exigências do perfil do turista. Por exemplo, inicialmente quando os turistas eram os barraqueiros, eles procuravam áreas de camping como meio de hospedagem, e ressalvo que este serviço não exigia contribuições ou tributos. Na segunda metade da década de 1990, houve um aumento significativo de pessoas de fora que casaram com nativos ou nativos, e juntos, iniciaram serviços turísticos, como: transporte, hospedagem, alimentação ou entretenimento. Com isso as responsabilidades empresariais chegaram com os ônus e os bônus também. A presença das instituições gestoras, como a Prefeitura de Paranaguá e o IAT, passaram a agir principalmente na temporada do verão. O município de Paranaguá passou a exigir as regularizações: CNPJ taxa para o alvará, taxas para e registros de funcionamento. Isto trouxe mudanças nos valores cobrados e principalmente nas formas de trabalhar com serviços turísticos no vilarejo de Encantadas.

Mesmo antes dos campings, os turistas já tinham o hábito de acampar nas praias, como explica Clodoaldo, 54 anos, nativo.

Mudou muito muito desde a minha infância, eu lembro quando a gente tinha camping na Praia do Miguel, as pessoas vinham pra cá traziam tudo, mochila com comidas, panelas por que no Miguel não tinha nada, era turismo de aventura assim tipo hippie, tempo de fogueira na praia antigamente tudo era autorizado na ilha, depois que foi conforme foi evoluindo passou a não poder mais fazer fogueiras (Clodoaldo, 2025).

Era comum nos idos de 1980 e 1990, ter um movimento de campistas na restinga alta perto das fontes e bicas no chamado Mar de Fora, que já era considerado área de preservação, ou seja, uma Unidade de Conservação (UC) administrada pelo Instituto de Terras e Cartografia (ITC), criada em 1982. Estes campistas ou também chamados de barraqueiros utilizavam, para armar suas barracas, componentes da restinga alta e ali eles abriam clareiras.

Procuravam estar perto de fontes de água doce (Figura 22) e, em meio ao descarte sem critério, deixavam muitos resíduos ao final do acampamento.

Diante daquela situação, a Associação dos Moradores da Prainha, criada em 28/04/1985, mobilizou-se e, em parceria da Polícia Militar do Paraná (PMPR), colocou restrições para os acampamentos nestas áreas dentro da UC. Solicitamos ao Comando da Guarnição a presença de policiais na entrada da Unidade de Conservação.



Figura (22) Bica ou Nascente de água no mar de bora. Fonte: Dr Dalio Zippin.

A presença militar tinha como objetivo, evitar que esses visitantes montassem seus acampamentos, dentro da área de preservação. Essas ações criaram oportunidades para quem tinha espaço para camping na comunidade (Figura 23), e trouxe os campistas para os terrenos dos pescadores e assim, fomentou a economia, fortalecendo o Turismo de Base Comunitária, além de centralizar o descarte lixo, ampliando a consciência ambiental. No início dos anos de 1990, com o apoio político a associação mobilizou-se e conseguiu restrições para acampamentos nas UCs.



Figura (23) Os acampamentos início dos anos 1990. Fonte: Amani.

Aqui este assunto, “os barraqueiros”, é novamente enfatizado pelos entrevistados. E Tania comenta:

“O pessoal vinha para cá, mas era diferente.... Então sempre vinha gente para acampar no quintal e também acampavam no Mar de Fora (...) O “barraqueiro” a gente falava por virem acampar de barraca, então eles traziam tudo, até panela” (Tania, 2025).

Esse movimento das pessoas que iam para a Ilha acampar foi muito forte, mas era um período em que o turismo estava começando, poucas famílias

estavam envolvidas no turismo e a pesca ainda era bastante importante, como explica Jhennifer,

“Eu sou uma das pessoas da família tradicional daqui, a família Valentin, é uma das pioneiras então aqui é onde a gente está era um dos primeiros comércios que teve peixes na época era só pescador não tinha turismo como força econômica ainda”. (Jhennifer, 2025).

Essa lembrança, também foi citada por Janaína, que veio com a mãe para morar na Ilha, ainda criança e comenta:

“eles traziam muita coisa, panelas, garrafão de vinho até rádio de pilha, os carrinhos levavam até os campings (...) o pessoal ia embora e largava muita coisa, comida e até roupas, aí a galera da ilha aproveitava, naquela época não tinha ninguém rico como tem hoje”. (Janaina, 2025)

Ou seja, a vinda dos barraqueiros, também representava a interação humana e até mesmo, acesso às coisas que ainda não estavam disponíveis na Ilha, em um período em que o comércio e o acesso aos produtos eram limitados no mundo insular.

A Figura 24 ilustra a presença de barraqueiros em grande número.



Figura (24) Acampamento Fonte: Amani 1994.

Nos anos 1970 e 1980 já se viam casas de madeira cobertas com telhas de barro, como na Figura (25).



Figura (25) - Moradia dos nativos. Fonte Dr Dalio Zippin 1970.

Para alimentação era oferecido “O pirão do mesmo” – farinha e água, acrescido do caldo do peixe e o peixe assado. (Figura 26).



Figura (26)- Equipe da canoa da pesca da Tainha. Fonte Amani, 1986.

Alguns nativos recordaram o período da chegada dos “Malárias”, pessoas que não traziam dinheiro nem provisões para a Ilha e acabavam pedindo ajuda, até para ir embora e, Romilda lembra:

"Quando eu era criança era tudo diferente, a ilha mudou não só o turista que vinha há 20 anos, hoje em dia é bem diferente, agora são pessoas de poder aquisitivo digamos assim. Teve época que vinha os malária, que gente falava, e antes era os barraqueiros, o pessoal que vinha acampar" (Romilda, 2025).

Ou seja, tanto os barraqueiros quanto os malárias foram reconhecidos como grupos que, em contraste com os turistas da atualidade, não tinham “poder aquisitivo”. Clodoaldo, explica que, após sair da Praia do Miguel para morar em Encantadas, a família foi realizando alguns investimentos no turismo.

“A gente tinha um terreno cheio de mato, com espaço pequeno para camping. Daí, com o tempo, a gente foi fazendo o chalezinho, os quartos... isso nos mantém hoje aqui, a nossa família vive do turismo e não tem outra fonte de renda”. (Clodoaldo, 2025).

Muitos dos que nasceram no turismo, ou seja, que seus pais já estavam realizando algum tipo de atividade relacionada ao turismo, contam também sobre as iniciativas familiares relacionadas à venda de produtos nas praias, a exemplo do relato de Deivid.

“Então, como o turismo praticamente começou assim, tinha pessoas que faziam pão caseiro também. Então, como não era muito desenvolvida, tipo há 30 anos atrás, era praticamente dessa forma que a gente começou a viver com o turismo. Aí

tinha os barcos que faziam as travessias que eram barcos menores e que traziam os turistas de Pontal para cá.” (Devid, 2025).

Aos poucos, a comunidade começou a se organizar, vendendo alimentos para os turistas na beira da praia e, com o tempo, criando novas estruturas de hospedagem, a exemplo do caso das primeiras pousadas, como comenta Célia “E minha mãe começou a fazer café, fazer o almoço e daí ela começou a juntar dinheiro, começou a fazer os quartos, construir a pousada” (Celia, 2025).

Jennifer também comenta sobre os primeiros restaurantes. “Contaram para a gente que tinha um restaurante, que fica onde é o Eclipse agora, que era o Sonho de Verão, que era antes do meu avô e depois ele vendeu, então ali foi um dos primeiros, tinha só o Sonho de Verão.” (Jennifer, 2025).

A chegada do turista fez surgir o empresário nativo, o “anfitrião”, que na época aprendia a lidar com o turismo, na sua vivência cotidiana. Sobre isso, Rodrigo Valentim comenta “Sou filho de pescador e pescadora da ilha, depois nós fomos nos aperfeiçoando com o turismo, mas o forte aqui nosso era a pesca. No inverno era deserto isso aqui, não tinha turismo, era só no verão. ” (Rodrigo 2025).

Na época em que houve a discussão sobre a implantação da energia elétrica, a Associação dos Amigos da Ilha do Mel fez um manifesto pela não implantação solicitando a não aceitação, por parte da população, devido às previsões de futuro, que a energia ia simplesmente dar uma transformação na forma de vida dos moradores, na cultura, e isso de fato se concretizou. Sobre isso, Clodoaldo, morador nativo que na época fazia parte da Associação dos Moradores, comenta: “A energia elétrica muita gente queria, porque queria, e foi uma das coisas que acabou com a comunidade local... Talvez se não tivesse energia elétrica, não teria esse boom de construção na Ilha do Mel, esses grandes empresários não investem milhões aqui sem luz.” (Clodoaldo, 2025).

No entanto, ao mesmo tempo, muitos reconhecem que a energia ajudou a melhorar a qualidade de vida, como comenta Rodrigo, nativo, dono de pousada. Os pais de Rodrigo já tinham envolvimento com o turismo e ele cita: “Nós não tínhamos luz 24h, não podíamos dormir com ventilador... hoje tem uma televisão boa, o turismo melhorou e trouxe essas coisas.” (Rodrigo, 2025).

Vinícius, que hoje também pilota embarcação para o passeio do “360”, comentou. “A família era da pesca e que, na infância, vivia que nem índio, caminhando pelos morros e coletando frutas.” (Vinicius, 2025).

Ele recorda que, mesmo antes do transporte regular, a comunidade já atendia os turistas, pois o movimento de visitantes passou a ser grande e, ao olhar da Prainha em direção à praia de Pontal do Sul, era possível avistar o movimento das pessoas com mochilas pela praia. Daqui da Prainha, os nativos ficavam atentos à movimentação no continente. Os barcos saiam juntos como numa competição e, quem chegasse antes na praia, embarcava o primeiro grupo de turista ou barraqueiro que aguardava na beira do rio ou na praia. Geralmente eles estavam carregados de barracas, lonas, ferragens, panelas e etc.



Figura (27) Transporte de turistas com baleeira. Fonte: Dr Dalio Zippin.1980.

Acompanhando o crescimento do número de visitantes, os barcos e baleeiras passaram a ser utilizados, com cobertura e com maior capacidade de passageiros sentados. Por anos essa foi uma forma de chegar e sair no mundo insular da Prainha/Encantadas. Essas embarcações também eram utilizadas para trazer alimentos e utilidades para as famílias locais.

Naquele período, uma das grandes dificuldades era a falta de estrutura adequada para o embarque e desembarque de passageiros. Sobre isso, Janaina comenta: "Nos anos 1980 e início dos anos 1990, a minha mãe já é da época do

turismo que ainda tinha que entrar na água para subir e descer dos barcos, não tinha trapiches.” (Janaina, 2025). Essa situação é retratada na (Figura 28) a seguir.



Figura - (28) Desembarque na Prainha. Fonte: Amani, 1990.

Em meados de 1994, houve uma notícia que os barcos não poderiam transportar os barraqueiros e turistas que vinham passar o dia na Prainha/Encantadas! Sobre isso, Aguinaldo também cita a importância da Abaline, como uma das conquistas das comunidades. “Na Abaline os fundadores foram os nativos da Ilha do Mel, o pessoal daqui e o Amani está incluído nessa parte também, porque ele fazia travessia há longos anos, lembro que nós dois éramos parceiros numa baleeira que era do nosso tio Arlindo Valentin.” (Aguinaldo,2025).

Uma história do transporte de passageiros na Vila da Prainha/Encantadas observada por mim começa assim: o *barco da Praticagem*,

(Barco com profissionais que entram e saem com os navios em portos,) o barco se aproxima da Prainha/Encantadas,— estava carregado de turistas que pretendiam desembarcar as pessoas barco de apoio . Na mesma hora, um grupo de mulheres se agitava aguardando o desembarque destes turistas. Esse grupo feminino aumentou na beirada da praia e, como numa recepção, esperaram os turistas desembarcarem e capturaram a pequena nau, puxando-a para o seco, deixando para trás o remador do barco de apoio que trouxe os turistas. Numa atitude de revolta em meio aos gritos de protesto. Elas agrupadas não permitiram mais que o barco da praticagem desembarcasse outros turistas ou quem quer que fosse. Após este fato ocorrido, foi proposta uma reunião, na Capitania dos Portos de Paranaguá e soubemos através da família Valentin, que os barcos dos pescadores seriam fiscalizados e obrigados pela capitania a se adaptar para categoria de transporte de passageiros, alterando a classificação que antes era de pesca.

As novas regras exigiram a necessidade de comprovar segurança na navegação, por meio de documentação dos condutores e marinheiros e abertura de empresa para transporte de passageiros e carga. Em 1995 foi criada a Associação dos Barqueiros do Litoral Norte do Estado (ABALINE), importante marco na melhoria do acesso às comunidades da Ilha do Mel, tendo sua sede administrativa inicial em Paranaguá, passando posteriormente para Pontal do Sul.



Figura (29) Transporte de passageiros pela Abaline, 2024. Fonte Amani, 2024.

A Abaline iniciou uma organização dos horários, dando limitações, classificações dos barcos, critérios de segurança na navegação, capacitação e aperfeiçoamento aos mestres e marinheiros.

Na Prainha/Encantadas, os visitantes encontravam alguns serviços turísticos oferecidos pela comunidade na Praia de Fora, como mostra a Figura (30). Eram barracas improvisadas, cobertas de lona e ali, os nativos vendiam petiscos e bebidas geladas, nos anos 1980 até a metade de 1990.



Figura (30) Retrata o atendimento na praia de fora. Fonte: Amani, 1996.

Em 1998 foi inaugurada a Praça de Alimentação, Figura (31), localizada numa área reservada na restinga alta, disponibilizando a gastronomia e cultura, como proposta do TBC e promovendo a moradores e turistas, o melhor atendimento. O empreendimento permaneceu em funcionamento até o ano de 2016. Atualmente, o governo do Estado anunciou que a Praça será reaberta para a temporada 2026.



Figura (31) Praça da Alimentação. Fonte: Festival do voo livre 2004.

Muitas dessas mudanças são mencionadas também por turistas e nativos. Como consequência, algumas pessoas, como Deivid, perceberam a elitização:

“O turismo vem evoluindo ano após ano, com o progresso o turismo vai sempre aumentando, tentaram elitizar, mas a ilha sempre foi do povão, então com as melhorias claro que o fluxo de pessoas com poder aquisitivo foi aumentando, as infraestruturas a ilha foi melhorando cada vez mais.” (Deivid, 2025).

Vários entrevistados sejam nativos ou proprietários e frequentadores assíduos, relatam que, um divisor de águas, foi o aumento da quantidade de pousadas na Ilha, muitas delas mais sofisticadas e geridas por proprietários que não são nativos e, na opinião de Clodoaldo: “Então, muita gente vendeu muita terra aqui na ilha, muitas casas, tipo assim se fosse hoje, acho que eles não venderiam, porque ninguém sabia que a ilha do mel ia virar esse pólo turístico que é hoje.” (Clodoaldo, 2025). Conforme explica Aguinaldo (nativo), muitos destes empreendimentos são administrados por pessoas de fora, que adquiriram terreno na Ilha, que viraram pousadas, e assim cita ele: “Aí foi mudando o turismo, veio o pessoal daí começou a pedir quartos para alugar as casas, depois se transformou em grandes pousadas.” (Aguinaldo, 2025).

As grandes pousadas que Aguinaldo menciona, são, em sua maioria, geridas por pessoas de fora da Ilha, que tem outro tipo de interesse e no início aparece gerando situações de empregabilidade, mas também, de “competição” com os nativos. Tal entendimento é exemplificado na fala de Aguinaldo

"A gente nasceu aqui, os nativos, eram para ter seu próprio comércio aqui dentro, então assim, a gente viu as pessoas que chegaram, viram a ilha com outros olhos, eles virão para explorar, entendeu?" (Aguinaldo, 2025).

A partir desta transformação, em meados de 2004, a Ilha do Mel passou a ser reconhecida como um destino indutor de turismo do município de Paranaguá, contando com uma variedade de serviços turísticos e com os horários regulares de transportes de moradores e turistas, para ilha, de acordo com a Figura 32,

PONTAL DO SUL / ILHA DO MEL	
<u>Segunda a Sexta:</u>	<u>Sábado e Domingo:</u>
Das 08:00 as 16:00 a cada uma hora ou conforme a lotação.	Das 08:00 as 17:00 a cada uma hora ou conforme a lotação.
Último saindo as 17:30.	
ILHA DO MEL / PONTAL SUL	
<u>Segunda a Sexta:</u>	<u>Sábado e Domingo:</u>
Das 08:00 as 17:00 a cada uma hora ou conforme a lotação.	Das 09:00 as 17:00 a cada uma hora ou conforme a lotação.
PARANAGUÁ / ILHA DO MEL	
<u>Segunda, Quarta e Sexta:</u>	<u>Sábado e Domingo:</u>
15:30	09:30
ILHA DO MEL / PARANAGUÁ	
<u>Segunda, Quarta e Sexta:</u>	<u>Sábado e Domingo:</u>
Saída de Encantadas: 07:30	Saída de Encantadas: 16:30

Figura (32) O horário do transporte para a Ilha do Mel. Fonte: ABALINE. 2015

Do ano 2000 em diante tivemos ações e obras executadas pelo Conselho Gestor na Ilha do Mel e Pontal do Sul, como podemos evidenciar, nas Figuras (33) a construção dos trapiches, primeiro em Pontal do Sul e depois (34) e (35) na Vila de Encantadas.



Figura (33) Embarque e desembarque, Pontal do Sul . Fonte: Amani 2004.



Figura (34) Trapiche de Encantadas. Fonte: Amani. 2006



Figura (35) Trapiche das Encantadas. Fonte: Amani, 2019.

A partir de 2010, o marketing individualizado, com o uso de sites de divulgação e redes sociais, facilitou a atração de turistas. Nos anos que seguiram as alterações do padrão de turismo no povoado e as características dos visitantes que outrora vinham com a expectativa de uma ilha do “pode tudo”, cessou. Ações fortes do governo e da segurança pública por meio de cães farejadores, serviço de inteligência e repressão pesada de combate às drogas para Ilha do Mel, tornaram o espaço insular mais seguro e procurado por famílias.

Até o fim da década 2010 o público de toda temporada de verão na Vila de Encantadas, buscava encontrar um lugar tranquilo, sem trânsito, poucos casos de violência e promessa de futuro do turismo na Vila. Isso atraiu investidores que, favorecidos pelos meios de comunicação, faziam publicidade e podiam colocar em destaque as transações imobiliárias de lotes e casas tanto para venda ou comércios para locação. Esse fato contribuiu muito no aumento exagerado do número de residência e da população no território da Vila de Encantadas, conforme pode ser visto no registro aéreo em 2023, Figura (36).



Figura (36) Expansão populacional da Vila de Encantadas. Fonte: Edgar, 2023.

Com o aumento da chegada de pessoas de fora para morar na Ilha, surge a necessidade de reconhecer quem é o nativo. Tal necessidade é comentada por Aguinaldo.

“Foi sim uma necessidade o reconhecimento dos nativos da Prainha como comunidade tradicional e fazer valer aqui, na hoje Encantadas, os direitos e a exploração do trabalho garantido pela OIT 169, ferramenta utilizada para garantir os direitos a consultas prévia e informada às Comunidades Tradicionais, garantindo possibilidades de análises e reflexões sobre possíveis ameaças.” (Aguinaldo, 2025).

No entanto, apesar de todos os entrevistados e até eu, como o pesquisador, terem envolvimento direto na gestão de algum tipo de serviço turístico, a maioria concorda que é preocupante o aumento significativo de pessoas e de comércios no povoado das Encantadas, em relação às “pessoas de fora”. Sobre isso, ressalta Romilda “A maioria dos comércios aqui na Ilha são de pessoas de fora, os grandes, digamos assim, os restaurantes e pousadas. O meu desafio é que eu tenho lá meus quartos lá, mas são quartos simples, as melhores pousadas são na sua maioria de pessoal de fora” (Romilda 2025). Assim sendo, fica claro na fala de Romilda, que, uma das coisas que diferencia os serviços dos nativos e dos “de fora” é a simplicidade. Também dessa forma, Clodoaldo comenta: “Eu acho que nós estamos nessa faixa porque somos bem

simples, perto das pousadas que surgiram, eles chegaram com poder aquisitivo.” (Clodoaldo, 2025).

Em relação a esse ponto, os nativos percebem a transição da comunidade que praticamente vivia da pesca, para o turismo, comentada pelos entrevistados mais velhos, Aguinaldo e Tania “[...] a parte boa é que o turismo está realmente ajudando alguns nativos, porque se não fosse o turismo tinha muita gente desempregada” (Aguinaldo, 2025). Nessa mesma Linha, Tania relata sobre a melhoria de vida “Eu vejo assim desde que nasci, 47 anos atrás, de lá para cá eu vejo assim que a ilha melhorou em relação a nós pudermos ter uma vida melhor digo financeiramente eu acho que melhorou sim.” (Tania, 2025). Essa visão também é reforçada por Emerson proprietário que está aqui há mais de vinte anos “que sim, pode alterar o modo de vida... aqui todos lidavam com a pesca e hoje vive de turismo.” (Emerson proprietário, 2025)

A família de Tânia foi uma das que migrou da pesca para o turismo, eles saíram da comunidade onde viviam, na Praia do Miguel, para a Praia de Encantadas, onde construíram uma área de camping e pousada, geridos pela própria família. Seu irmão, Clodoaldo, comenta:

”O turismo é uma fonte de renda importante, já que viver da pesca hoje é ruim. No entanto, há muitos efeitos do turismo na comunidade, a exemplo da chegada de drogas, porque eu consegui bater de frente com essa evolução toda sem me contaminar com outras coisas que veio com o pessoal de fora.” (Clodoaldo 2025).

Renato é proprietário há quarenta anos, e está como coordenador das ações institucionais na Ilha do Mel vê as mudanças no turismo e afirma que

“nas últimas décadas o público do turismo mudou muito nas Encantadas, mas, apesar do aumento das pousadas em substituição aos campings, a ilha não se preparou o suficiente para atender a demanda crescente e a mudança do perfil dos visitantes.” (Renato, 2025).

Por estas afirmações, podemos salientar que o turismo traz benefícios e riscos para a comunidade. E Jean, comandante da guarda municipal na Ilha, também cita: “Com o aumento da vinda de coisas indesejadas para a Ilha, entre outras coisas, a violência, droga e muita gente. Mas também cresce a prática do ilícito, da venda de drogas (...) começa a entrar outras, a cocaína, pedra e crack.” (Jean, 2025). Uma das conquistas que a própria comunidade conseguiu

ter foi a segurança. Esta foi uma melhoria reconhecida, por turistas, como Beatriz que menciona que a melhoria na segurança dos viajantes foi uma mudança significativa “[...] isso deve ser ressaltado como uma conquista principalmente por que houve bastante envolvimento da comunidade isso é um fator muito importante e um diferencial no turismo que consegui perceber nestes anos.”. (Beatriz, 2025)

Rosângela, que também é visitante assídua, comenta que a mudança no tipo de visitante, demonstra pouca conexão com o meio ambiente. “Tem certo tipo de turista que vai aí para a ilha, uns não percebem o meio ambiente vão para interagir entre eles e talvez com outros poucos e alguns percebiam e se preocupam.” (Rosângela, 2025).

Outra mudança apontada pelos entrevistados está associada à hospitalidade. Emerson proprietário e comerciante comenta: “O nativo foi se adaptando a esse comportamento a recebê- los, a entende- los, para ter um receptivo melhor, e ter um lucro maior, uma finança melhor no seu fim do mês.”(Emerson, 2025).

Rodrigo nativo e empresário ressalta a importância dos nativos se reconhecerem como comunidade tradicional e vê com ressalvas, as mudanças na Ilha “nós somos a gente que nasceu caíçara mesmo, pescadores com histórias, somos de família mais antiga e tem muitas outras da base comunitária... com o novo plano, eu não sei se a gente não vai ter que brigar com algumas coisas para a gente defender essa área.” (Rodrigo,2025). Beatriz frequentadora assídua, observa, sobre como o turismo pode influenciar: “Na simplicidade da cultura caíçara no recebimento deste turista.” (Beatriz, 2025).

Seja no acolhimento ou no modo da hospitalidade, à presença dos turistas pode gerar nos nativos, vários comportamentos. Alexandre proprietário e marinheiro vê, que antigamente, os turistas eram um pouco mais simples: “As pessoas que vinham pra cá, mudou muito, hoje vem todos os tipos de pessoas como famílias, idosos, coisas que antigamente não vinham.” (Alexandre, 2025).

Nesse sentido, Rosângela frequentadora assídua comenta que um dos problemas está na ocupação da Ilha que: “São os super-ricos querendo acessar a ilha e restringir o acesso e com isso grandes construções, e também não se importando com história do povoado isso também constrói um TBC.” (Rosângela 2025).

Importante salientar que Rosangela percebe a ameaça das mudanças na relação com o lugar e sua história, referente aos cuidados, ao território, e neste contexto, João Guilherme menciona algumas preocupações:

“Grande perda que pode ter é da identidade então a perda de cultura a perda das histórias, a perda de tudo isso e se não houver bases bem fortes de leis que proíbam o aumento muito grande da hotelaria resort e essas coisas acho que também os estabelecimentos menores ficam bem comprometidos em locais onde os espaços são menores como a ilha por exemplos então eu acho tem que haver uma melhoria na comunicação entre o poder público e a comunidade é visando buscar esse resgate cultural e se manter as tradições e culturas e entender como isso conversa realmente com a melhora turísticas e seus estabelecimentos e tudo mais.” (João Guilherme, 2025).

A percepção de que o turismo vem alterando as práticas culturais na vila das Encantadas, há décadas, está sendo percebida por Clodoaldo que comenta:

“Então, a parte de resgate da cultura tava complicada. O Fandango é um exemplo do que aconteceu com a ilha é que antigamente não tinha forró de som, era só ao vivo, era só fandango. Pelas histórias que eu conheço, a minha esposa um pouco mais velha que eu, tem outras pessoas que a gente conversa que antigamente não tinha esse som, JBL louco, aí era só viola, batuque, essas coisas..”(Clodoaldo, 2025).

Além do barulho, outros comportamentos indesejados comentados, estão relacionados ao consumo excessivo de álcool e drogas. Sobre isso, Célia explica: “Vinhavam diversos grupos de gaúchos, que eram, sobretudo jovens, que iam para a Ilha para festejar com turmas escolares, muitos grupos de jovens.” (Celia, 2025).

Além do aumento das opções de hospedagem, a maioria dos entrevistados também cita a mudança que veio após o uso da rede internet e o fortalecimento da organização do calendário de eventos anuais. Destacamos aqui o período em que a comunidade viveu da pesca e do turismo sazonal para surgir o tempo da organização de eventos fora do período de verão, com isso as coisas foram mudando.

Rodrigo nativo e empresário relata que esses eventos começaram a atrair movimento, principalmente quando passaram a ser divulgados na internet: “Mas eu me lembro que o pessoal mais velho começou a fomentar as festas daí o Facebook entrou o Instagram é isso aí que foi um cartão postal a ilha começou a repercutir a rede social chama o povo.” (Rodrigo 2025).

Em relação aos eventos turísticos, o Jazz Festival se destaca e acontece no mês de agosto. Atualmente João Guilherme, membro do Convention das Encantadas, comenta sobre a importância desses eventos que trazem melhorias: “Fomentar esse tipo de turismo na baixa temporada com eventos, mas sempre exigindo que esses eventos tragam benefícios para a comunidade, não só para os empresários...” (João Guilherme, 2025).

No entanto, alguns moradores comentam que ainda sofrem com o baixo movimento do turismo no inverno, tal como explica Deivid, nativo: “O desafio é se manter no inverno, porque no verão [...] o mês de janeiro é praticamente o mês que você guarda um dinheirinho para se manter mais no inverno, porque no inverno e quando chove, não vem ninguém.” (Deivid, 2025).

Renato, administrador, proprietário a 40 anos, na Vila de Encantadas, explica na sua visão sobre as mudanças com a chegada da turistificação:

“Foi positiva trouxe inquestionável melhoria de renda para aqueles residentes, nativos ou não, que souberam aproveitar as oportunidades de negócios na comunidade, como pousadas, bares, restaurantes etc. E o negativo - aumentou consideravelmente o uso de drogas ilícitas, viciando e destruindo a vida de muitos nativos, e moradores que inconscientemente foram levados ao descaminho, o que é lamentável.” (Renato, 2025)

Em relação às mudanças na Ilha do Mel, praticamente todos os entrevistados, sejam os nativos, proprietários ou os frequentadores da Ilha, mencionaram a questão da importância econômica que o turismo trouxe, e Aguinaldo presidente da Associação dos nativos cita: “A parte boa é que o turismo está realmente ajudando alguns nativos, porque se não fosse o turismo tinha muita gente desempregada.” (Aguinaldo, 2025).

Assim, além da renda, que quase todos os entrevistados mencionaram, alguns comentam que com o turismo a vida é menos sofrida, tal como Célia, que compara o turismo com o tempo em que era criança e ajudava na pesca. Esse é o caso da Célia e de muitos outros nativos que se tornaram empresários do turismo, os quais compartilham de um mesmo histórico de mudanças, mas que no cotidiano atual vivem bem.

A respeito das mudanças, Ana frequentadora assídua, deixou registrada aqui que também observou essa mudança e seus efeitos: “Você vê um *Boom* do

crescimento da venda de terrenos, até em locais irregulares para pessoas de fora, digo aquelas que não são nativas, enquanto os nativos muitas vezes têm grande dificuldade em fazer a gestão do próprio território.” (Ana, 2025).

Muitas das questões apontadas como sendo desafios para o Turismo de Base Comunitária são apontadas pelos entrevistados como estando relacionadas às dificuldades de organização da comunidade e também, por falta de apoio do poder público. A esse respeito, Alexandre ressalta “regularização das pessoas que tem aqui sua propriedade, vão se sentir mais confiantes em seus projetos”. (Alexandre, 2025)

5.2 Turismo de Base Comunitária

Em 2024, como resultado do levantamento realizado por estudantes da UFPR Litoral, em atividades de extensão relacionadas à Interação Cultural Humanística, Turismo e Comunidades, alguns moradores que já indicaram seu entendimento sobre o que é Turismo de Base Comunitária. A maioria dos entrevistados naquela ocasião mencionou que estavam motivados a se envolverem com o TBC. Dentre os motivos, eles citaram questões como a possibilidade do protagonismo da família tradicional no acolhimento aos visitantes, por serem moradores caiçaras, para preservação da cultura local, respeito pela ilha pela comunidade tradicional, a sustentabilidade e pela satisfação em atender e mostrar um pouco da nossa rotina aos turistas. Marcio Farias, nativo, que trabalha há décadas com camping, fez cursos sobre turismo comenta que alguns nativos participam o ano todo do TBC, e afirma que “É uma forma de turismo organizado que leva em conta o potencial e o diferencial de uma região e uma forma de gestão eficiente e diferente sustentável”. (Marcio Farias, 2025).

Em continuidade, com a minha pesquisa, foi possível identificar que o TBC na Ilha, possibilita uma experiência diferente para o turista, no que se refere a conhecer a cultura e a realidade das famílias tradicionais da comunidade. Além dos serviços dos nativos, pousadas, transporte e alimentação, muitos nativos que já possuem empresa familiar entendem que já existe o TBC, reconhecendo, por exemplo, o passeio Ilha do Mel 360°.

Bárbara, que organiza os passeios do Jujuba e participa da gestão familiar de lanchonete, explica sobre a relação do passeio 360° com a Ilha “É um trabalho feito com a comunidade visando mostrar nossa realidade e cultura, ajudando em todas as áreas de trabalho perante nossos costumes e cultura e culinária e conhecimentos”. (Bárbara , 2024)

Sobre o passeio, Juliano, o piloto da lancha que faz o passeio 360° comenta: “Aprendemos a navegar com os pais avós e as histórias que contamos da ilha também e nossas histórias que vivemos também desde quando nascemos”. (Juliano 2025)

O trajeto realizado no passeio passa por comunidades, edificações históricas e pela Baía dos Golfinhos, conforme indicado na a seguir na Figura (37)



Figura (37) Demonstrativo do passeio 360°.Fonte: Jojuba, 2025.

Além dos passeios e dos serviços do táxi náutico, existem influências preocupantes para alguns da comunidade da ilha, referente a travessia de

pessoas. O destaque foi a percepção da concorrência na travessia tradicional, que chega até ameaçar, como cita Aguinaldo Presidente da Associação dos Nativos: “Agora está mais disputado, tem muitas empresas de transporte, é muita gente competindo com um trabalho que, a gente fundou. Se espelharam nisso e foram expandindo. E agora a gente está sentindo assim, uma dificuldade para trabalhar nessa área”. (Aguinaldo, 2025)

Foi possível perceber, entre os nativos, que uma das coisas lembrada por todos, foram os momentos de envolvimento com a pesca, no passado e também nos dias de hoje. O lanço, que é o ato de lançar uma rede para capturar peixes, principalmente a tainha, é uma pesca tradicional que ainda hoje envolve relações entre as famílias da ilha e questões de solidariedade. Em 2011, foi feito o primeiro registro no IPHAN por meio de um inventário, dando início ao primeiro registro oficial da prática centenária da pesca da Tainha como um bem imaterial na vila das Encantadas. Durante a Festa da Tainha de 2013 foi elaborado um roteiro de TBC, organizado na Praça da alimentação no Mar de Fora e foi a forma que pensamos de apresentar esta vivência promovido neste evento. Não foi tão comercializado no início, mas hoje é bem procurada nos meses da Tainha. O roteiro a pé que tem grande apelo comunitário, são vivências no Acampamento da Tainha. A organização é realizada, por cerca de 06 a 10 famílias, na Praia do Miguel, entre maio e julho. Essas famílias, na sua maioria nativas se organizam, montam os acampamentos e lá aguardam a chegada dos cardumes de Tainhas. A rede de pesca conta com aproximadamente 400 metros de comprimento e 3 a 10 metros de largura. Figura 37

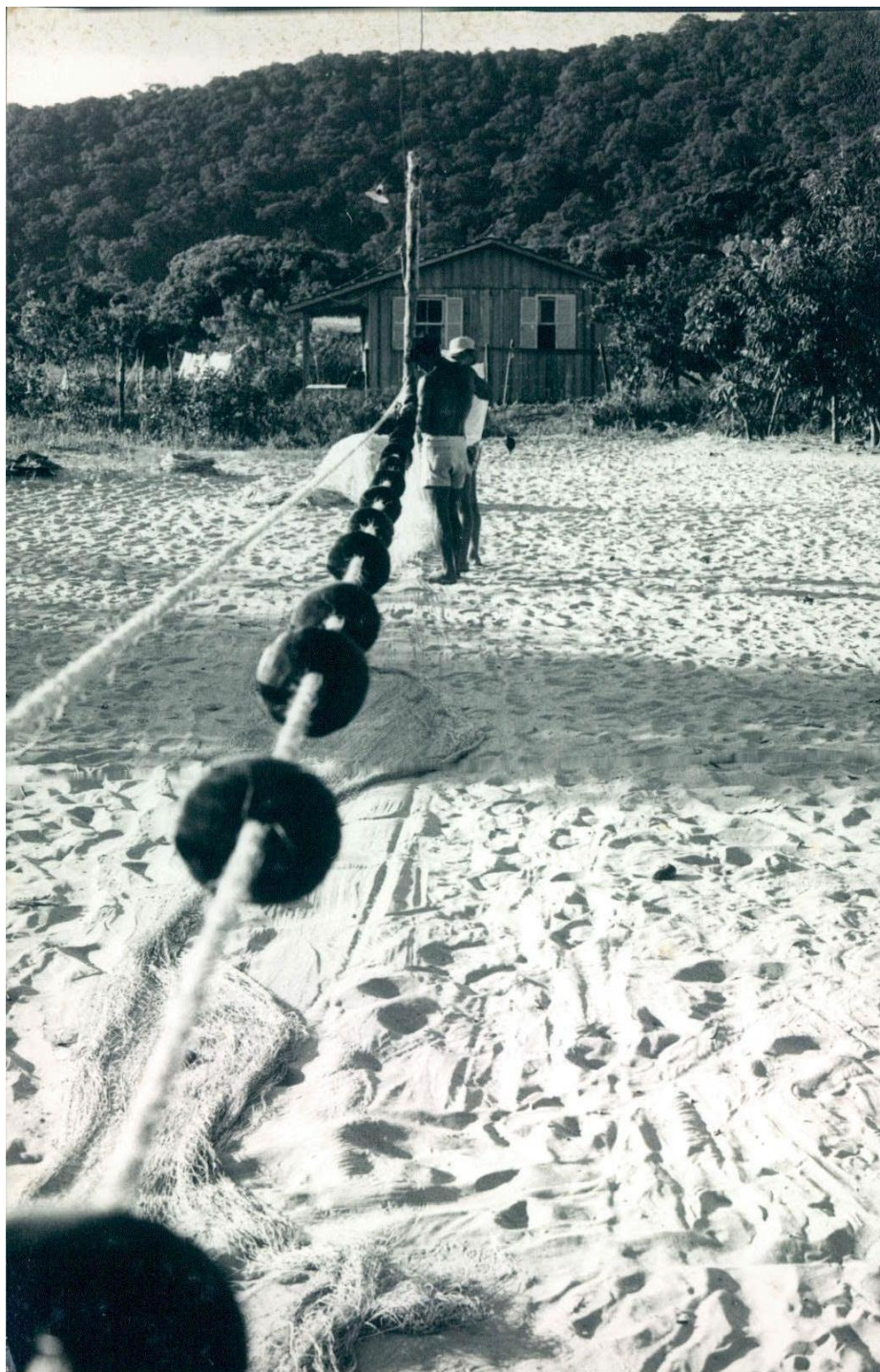


Figura (38) A rede da Tainha. Fonte Dr Dalio Zippin. 1970

Sobre essa possibilidade, de reconhecer essa experiência como Turismo de Base Comunitária, Romilda, pescadora que sempre vai no acampamento, comenta.

“O Turismo de Base Comunitária é sustentável porque além de ajudar o comércio das famílias da ilha, ele ajuda o tiozinho que leva a bagagem, o pessoal da lancha e outros pescadores aqui na Praia do Miguel, nessa época da

Tainha, a gente faz os pratos típicos como a Tainha defumada, a tainha assada, frita, tira mexilhões e poderia mostrar para o turista e que é bom” (Romilda, 2025).

A relação entre a gastronomia caiçara e o TBC enfrenta dificuldade, pois hoje não é possível vender comida no acampamento da Praia do Miguel.

Para atrair visitantes desde 2013, eu venho organizando e divulgando o roteiro “Caminhos da Tainha”, agora com o apoio da Rede de Turismo de Base Comunitária: Anfitriões do Litoral, fazendo uma caminhada até a Praia do Miguel, contando as histórias da pesca, o modo de divisão do trabalho para realização dos “lanços”, o tipo da embarcação e local onde se pesca a Tainha. Chegando no acampamento, dependendo do dia, os turistas participam das atividades, podem ajudar a “debulhar” o marisco, conhecer como as pessoas se organizam, conversar com as mulheres e participar das atividades realizadas por aquelas famílias.

Esse roteiro serviu como estudos do Grupo de Diálogos sobre o Turismo de Base Comunitária, com a intenção de ajudar o grupo que mantém a tradição a entender sobre os desafios para o TBC. Os participantes do encontro eram de diferentes lugares, incluindo professores, gestores públicos, agentes de viagem, SEBRAE e Rede Anfitriões.



Figura (39) Encontro sobre TBC Praia do Miguel. Fonte: Foroni, 2023

Ao final do dia, o grupo discutiu com os pescadores acampados, sobre as dificuldades para organizar o TBC ali. Os pontos destacados na discussão foram incluídos em relatório compartilhado com todos, sobre a Necessidade de discutir sobre o conceito de TBC e distinguir o que é e o que não é TBC. Os pescadores comentaram sobre a necessidade de construção de um "barracão" para que os pescadores pudessem guardar suas embarcações e equipamentos e da dificuldade por ter que pedir autorização para a realização de vivências de TBC. No caso do acampamento, as comidas preparadas foram feitas conforme o sistema tradicional, mas as exigências do turismo convencional poderiam descaracterizar tais práticas. A discussão sobre a legislação sanitária é bastante recorrente no TBC, e tal qual no Turismo Rural, seria possível se o visitante assinasse um termo de concordância com todas as práticas ali vivenciadas, assumindo a vontade e a responsabilidade sobre aquela experiência com as comunidades, conforme sugestão do agente de turismo. Também citou-se

utilizar as mesmas premissas do IPHAN como modelo de estudo para um possível reconhecimento das experiências vivenciadas no TBC (Cabral, 2024).

Ao mesmo tempo em que os pescadores expressavam o interesse com o TBC ali no acampamento sendo realizado de forma organizada e com poucas pessoas, eles também comentavam sobre as dificuldades.

Então a pergunta que não quer calar é: o TBC está sob ameaça no território? Alexandre afirma: “O TBC sofre ameaça, sim, a maior ameaça para mim é o próprio estado”. (Alexandre, 2025)

Enquanto o João Guilherme, comerciante, comenta:

“Realmente o TBC é de vital importância para qualquer localidade turística por conta destas mudanças o risco que eu enxergo a grande perda que pode ter é da identidade então a perda de cultura a perda das histórias, a perda de tudo isso e se não houver bases bem fortes de leis que proíbam o aumento muito grande da hotelaria resort e essas coisas acho que também os estabelecimentos menores ficam bem comprometidos em locais onde os espaços são menores como a ilha por exemplos então eu acho tem que haver uma melhoria na comunicação entre o poder público e a comunidade é visando buscar esse resgate cultural e se manter as tradições e culturas e entender como isso conversa realmente com a melhora turísticas e seu estabelecimentos e tudo mais”. (João Guilherme 2025)

Na visão da Ana estudante de antropologia que conhece o vilarejo há 20 anos diz que o TBC tem raiz: “Acho que é uma coisa muito forte dentro da comunidade, enraizada dentro da comunidade, porém desde que tenha política pública que possa, é trazer subsídios para que a comunidade continue fazendo isso que ela já faz a tanto tempo”. (Ana 2025)

Sobre essa necessidade, do reconhecimento do TBC Ana, cita a necessidade de criar: “Política pública que reconheça essa a comunidade como comunidade tradicional e toda essa vivência...e aí manter esse TBC”. (Ana, 2025)

Daniele, em relação à ameaça da prática do TBC no povoado das Encantadas, comenta: “Não existe mais TBC ficou esquecido, onde ele foi esmagado pelo turismo de massa, o turismo ficou só para gerar renda, não para troca de conhecimento e cultura”. (Daniele, 2025)

Temos que assumir que não nos demos conta de quanto isso seria impactante para a Vila das Encantadas e que seja esse um bom um motivo de reflexão, pois se faz necessário rever os conceitos de união e cooperativismo,

como cita Tânia “A verdade é que nós temos que nos unir e cuidar da nossa casa. só que não é isso que eu vejo dos próprios moradores, claro não é todo mundo” (Tânia, 2025).

A União da comunidade da Prainha sempre foi o que mais me chamou a atenção, da época dos mutirões para subir ou colocar na água os barcos e canoas. Eram os encontros das famílias para as práticas comuns do cooperativismo deste mundo insular.



Figura (40) Na Prainha a união faz a força. Fonte: Dalio Zippin 1978.

Renato administrador e proprietário a mais de 40 anos em sua opinião sobre a ameaça ao turismo de base comunitária citam que:

“O TBC não está ameaçado. O que falta sim é os líderes comunitários estimularem essa prática mais intensamente, com a visão clara de buscar resultados financeiros no atendimento aos turistas em potencial que aumentam a cada dia na ilha” (Renato, 2025).

Talvez, os moradores possam refletir este momento e pensar como a Romilda que revela:

“Acredito que precisamos de mais união para a gente poder entrar no acordo porque tem pessoas que às vezes não olham no bem comum, olham só para o próprio umbigo, digamos assim. Como a gente mora numa comunidade pequena a gente tinha que viver em comunidade e pensar no bem comum”. (Romilda, 2025)

A problemática da desunião da comunidade das Encantadas acompanha a história do turismo, conforme Rodrigo empresário nativo “Muita, muita desunião ainda existe entre os comércios. Aqui não tem uma união 100%, né? É o ego do pessoal e um querendo ser melhor que o outro ainda tem essa dificuldade.” (Rodrigo, 2025).

E viver em comunidade de importância turística, tem destas coisas como cita Jean:

"Acontecimentos acabam aqui dividindo a comunidade, forças exteriores é muito mais forte que a força local, e que poderia ser diferente, pelo menos entre 19 a 20 cabeças pensantes se unissem mesmo, aí formar opiniões, iriam ficar mais fortes, mas no meu entender, nesse momento tá meio que impossível de isso acontecer" (Jean, 2025).

O futuro se apresenta com muitos desafios para o TBC, e tem como resistir a essa pressão de outros padrões de serviços como declara Tânia: “O pessoal tá tentando se organizar, sabe? Mas sei lá, eu acho que talvez precise de mais uma ajuda do governo. Porque a gente tenta, né? (Tania 2025) E Renato que tem larga experiência administrativa e possui um vínculo afetivo com a vila de Encantadas a mais de 40 anos sugere que “precisamos de mais criatividade, determinação e trabalho com foco”. (Renato 2025).

Emerson acredita que este é o momento de promover educação e que esta, pode funcionar como um estímulo para o desenvolvimento do senso de pertencimento e diz: “Coisa que seria importante é o fortalecimento das associações, todas que existirem na ilha para serem mais fortalecidas terem mais voz sabe, porque você tem onde correr para quem você pode pedir, mas acho principal é a educação desde os mais novos e os mais velhos”. (Emerson 2025)

O presidente da Associação dos Nativos das Encantadas, Aguinaldo completa “O turismo é bom aqui, faz parte da nossa comunidade mas temos que se preparar e se unir para receber o turista” (Aguinaldo, 2025).

5.3 O Marco regulatório

O marco regulatório para a Ilha do Mel, estabelecido pela Lei Estadual nº 22.315/2025, define este território como área de especial interesse ambiental e turístico, visando a utilização racional dos recursos naturais, a proteção dos ecossistemas e o estímulo ao ecoturismo.

Recentemente, a nova proposta do Marco regulatório vem reforçando alguns desafios antigos, relacionados à organização da comunidade. Para os entrevistados, ao serem questionados se possuem conhecimento sobre a lei, a maioria dos nativos já ouviu falar, mas, tem conhecimento insuficiente sobre o assunto. Dentre os proprietários e frequentadores a um conhecimento breve, pois a lei é algo recente, a esse respeito, alguns são favoráveis e tem esperança que isso possa trazer melhorias, a exemplo da fala como a do Clodoaldo nativo.

“Eu acho que essa lei que eu não conheço ainda, porque não tive acesso. Não li nada sobre essa regulatória aí que fala. Eu só sei que mudou a gerência na ilha, eu tô pedindo reforma para minha casa já faz dois anos quase, e agora tá sendo um pouco mais rápido esse processo pela UNADIM.” (Clodoaldo, 2025)

Colhemos na pesquisa, as palavras esperançosas do Aguinaldo, mas sem muita certeza, sobre o que vem pela frente, diz o presidente da Associação dos Nativos das Encantadas,

Algumas coisas vão melhorar, porque se não fosse o plano (Marco Regulatório) não ia ser liberado tratamento de esgoto, isso estava brecado, então isso aí para nós é bom que aí não vai existir mais fossa, vai ser um tratamento de esgoto, mas por outra parte tem que ser discutido em questão das construções, porque se a gente não tiver junto nessa discussão da construção de que amanhã lá saindo prédio de três andares aqui e nós não queremos isso, nós queremos preservar a Ilha do jeito que tá. Entendeu? Então, se a gente não tiver junto nesse processo, eles autorizam. E depois, como que a gente vai debater se eles autorizam isso aí? Uma coisa que na lei não ficou bem clara.” (Aguinaldo, 2025).

Mas quem tem motivos para gostar da Ilha do Mel, seja por viver grandes emoções ou por ser um destino turístico importante no litoral do Paraná, não deixou de ler o que diz o marco regulatório e Beatriz fez a seguinte reflexão.

“Criada a UNADIM, vejo como é importante o seu trabalho. Ela necessita estar voltada para que os recursos sejam aplicados para sensibilização da comunidade tanto a

residente caiçara, os de fora, quanto essa comunidade turística que entra na ilha chega e vai embora. O turismo de experiência junto com a comunidade caiçara tem muita informação tem muita oportunidade e isso tudo desde que, focado no respeito e equilíbrio no meio ambiente com menos impacto.” (Beatriz, 2025).

Quase todos nativos entrevistados têm pouca clareza, como demonstra Deivid. “Nós fomos evoluindo da forma como a ilha foi evoluindo e agora a gente vê com a lei que, para gente viver aqui, vai ter que pagar, entendeu? Dessa forma que mais ou menos eu tô vendo como está se formando as coisas aqui”. O fato é que o Marco Regulatório traz muitas dúvidas para os moradores, conforme comenta Janaina: “O governo agora vai cobrar esses R\$ 20 mas a estrutura da ilha já era para estar, já era para estar a milhão, só estou vendo estrutura que está pensando no turismo não tá pensando nos moradores é essa nossa preocupação”. (Janaina, 2025)

Renato, que é coordenador de assuntos institucionais da Ilha do Mel, explica aos mais preocupados, que podem mudar de ideia e procurar saber mais detalhes do marco regulatório por que ele cita:

“Será um divisor de águas. Com a entrega dos títulos da terra , além da grande valorização dos imóveis, os moradores poderão usar como garantia em financiamentos para melhorarem suas construções, seja pousadas, bares, restaurantes, lojas e aumentarem substancialmente a renda familiar e também a melhoria da qualidade de vida.” (Renato, 2025).

Existe um pouco de esperança e insegurança na fala da Jennifer nativa e empresária.

Agora tem uma nova lei que vai mudar bastante coisa para o turismo, mas estamos com medo se vai ser bom ou se vai ser ruim, aí a promessa é que o dinheiro que a gente vai pagar de taxa vai voltar para benefícios para a ilha e para o turismo na ilha aí eu acho que vai ser bom, vamos crer.” (Jennifer, 2025).

O João Guilherme, morador empresário tem um olhar realista, com relação ao Marco Regulatório, ele fala:

“Acredito que sim, pode trazer muitos benefícios para a comunidade tradicional e para quem tá inserido no contexto da Ilha já há bastante tempo, que é isso, visar a preservação da cultura, não deixar que grandes empreendimentos com número exorbitante de quartos, resorts, venham entrar da Ilha, o que poderia

virar aumento nas tarifas e tudo mais e acaba que esse Marco Regulatório pode proteger os menores comércios e a comunidade local (João Guilherme, 2025).

Beatriz e Rosangela que são frequentadoras assíduas tem olhares assim: “A UNADIM terá um importante trabalho para organizar os recursos aplicados tanto para os residentes quanto para a comunidade turística”(Beatriz, 2025).

E neste depoimento, Rosangela diz: “Depende de quem vai gerenciar a implantação da lei e Depende da política e vontade política. Finalizo aqui deixando espaço para futuras discussões.” (Rosangela, 2025). O desconhecimento de alguns sobre marco está marcante na citação da Jennifer que relata: “que um parente próximo pensa em não assinar nada para o governo, com medo de perder o que levou a vida inteira para construir.” (Jennifer, 2025)

Qualquer avaliação pode ser prematura com relação ao marco regulatório e UNADIM.

5.4 Resultados

Nos resultados desta pesquisa, chamam a atenção para o que influenciou as mudanças no turismo e traduzido no olhar dos proprietários moradores, dos nativos e de poucos frequentadores, cada qual com suas análises positivas e negativas, das últimas décadas na Vila de Encantadas.

Tema	Sentidos	Contexto		
Tema		Nativos	Proprietários	Frequentadores assíduos
Mudanças no turismo na vila de Encantadas	Consolidação e sofisticação do turismo na comunidade	Renda, qualidade de vida, lixo, esgoto, desunião, violência, melhoria da infraestrutura (Terminal de passageiros), chegada de empresários de fora, aumento das construções irregulares, fossas sépticas insuficientes, venda de lotes e chegada da energia. Aumento da quantidade de turistas. Aumento da oferta turística, organização de eventos (Festa da Tainha, Jazz na Ilha). Empresas de organização de passeios, infraestrutura de concreto nas trilhas, envolvimento da comunidade na gestão dos serviços turísticos e comércio, fidelidade do turista (retornam anualmente)	Melhoria na qualidade de vida, excesso de lixo, desunião e mudanças na natureza.	Diferenças de classes sociais, a sofisticação nos serviços e aumento da população.
Influências do turismo nas transformações da comunidade	Aumento da população, aumento da renda, aumento do casamento entre nativos e gente de fora, estilo do continente os meios de comunicação e disputas	Individualismo, desunião, falta de organização, divisão da comunidade por questões internas, “comunidade sem voz ativa”, uso das redes sociais para comunicar diretamente com os turistas, aumento da população, dependência do turismo e necessidade de adaptação, divisão entre “nativos” e “os de fora”, elitização e diferença social. Sobrecarga dos serviços públicos de saneamento básico (esgoto), poluição dos rios e das praias, desmatamento e descaracterização da paisagem (construções, luzes fortes), aumento da venda de drogas por pessoas de fora abandono de animais, situações de brigas e desrespeitos com turistas.	Turismo de massa, gosto musical e uso de drogas, Aumento da população, aumento da segurança (Guarda Civil Municipal Marítima) e brigada voluntária de emergência, “privatização da água”.	Casamento entre nativos e as pessoas de fora, violência aumento da quantidade de turistas, descarte do lixo, cigarro eletrônico.

As transformações possíveis com o Marco Regulatório	Receio do impacto das mudanças	Apreensão sobre as mudanças, receio de afetar os serviços dos nativos, receio sobre como será a cobrança das taxas para morar/trabalhar, perda de direitos do nativo, medo de perder o terreno pela falta de pagamento, necessidade e dificuldade dos pequenos para se adaptarem aos padrões impostos pelo governo, falta de clareza, “pegadinhas” no texto, falta de discussão sobre o imposto a ser cobrado, diferentes entendimentos sobre o papel e atuação da UNADIM, necessidade de levar em conta os protocolos de consulta, transformação dos moradores em “locatários” de suas próprias casas	Necessário regularização das pessoas que tem aqui sua propriedade, vão se sentir mais confiantes em seus projetos, pode trazer muitos benefícios para a comunidade tradicional e para quem está inserido no contexto da Ilha já há bastante tempo, visar a preservação da cultura, não deixar que grandes empreendimentos dominem.	Importância dada no aumento do número de visitantes, depende quem vai gerenciar a implantação do Marco Regulatório e depende de como a população local foi inserida, o processo depende de política e de vontade política
Ameaças ao TBC	Falta de união da comunidade. falta de informação, pertencimento	falta de informação sobre tbc. falta de união dos nativos, concorrência com grandes empresas ou investidores, elitização da Ilha, desinteresse pelos assuntos da comunidade, falta de apoio governamental, falta de conhecimento sobre a comunidade (senso), falta de segurança em relação aos comportamentos de alguns turistas, por descartarem lixo, desperdiçarem água nos períodos de pico, desrespeitarem os moradores com som alto, perda das tradições, de pertencimento e reconhecimento dos nativos, inclusive por conta dos registros de nascimento, excesso de visitantes sobrecarrega a comunidade, receio de perder alguns espaços comunitários, com as novas mudanças, a exemplo da Praça de Alimentação	Falta de apoio do governo e falta de organização das comunidades, divisão política na comunidade, necessidade de resgate da cultura alimentar, o TBC ele não existe mais foi esmagado pelo turismo de massa, ameaça pode vir do próprio governo	TBC está enraizado na comunidade, mais falta incentivo governamental, pode estar ameaçado com as influências trazidas do turismo. “já está ameaçado”, “ameaça pode vir dos super ricos”

O Quadro (5) registrou entrevistas que continham as sugestões, análises e discussões, conforme a relevância dos temas. As questões sobre as mudanças, as influências no turismo que transformaram comportamentos, hábitos, características, o apontamento da concorrência que ameaça o TBC e traz também as visões sobre a já implantada Lei que regulamenta e pode favorecer para uma comunidade organizada da Ilha do Mel. Sobre as mudanças no turismo os resultados indicam para a reestruturação na vila estudada e consolidação das políticas institucionais, que geraram transformações na organização da comunidade na vila das Encantadas e na Ilha do Mel.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como autor desta pesquisa e da escrevivência considero importante expressar nestas palavras o meu sentimento neste momento, que é uma mistura de arrependimento e preocupação! Fiquei me perguntando o que vou fazer agora? Acredito que este estudo possa colaborar para discussões e ações sobre o Turismo de Base Comunitária na Ilha do Mel.

As considerações sobre as análises dos resultados das pesquisas ficaram costurado, com o meu relato e os depoimentos dos entrevistados que reconhecem que o turismo gerou transformações significativas nas últimas quatro décadas na Vila das Encantadas. Destaco, inicialmente, as atividades associativas dos moradores que protagonizaram as ações em prol do desenvolvimento com movimentos coletivos transformadores nas últimas décadas. Atentamos também nos períodos das implementações institucionais: a concessão de uso, a efetividade da polícia ambiental e a da administrativa do ITCF, IAP e IAT, das administrações municipais de Paranaguá, na vila estudada. Isso colabora, com a chegada de um modelo urbano que sistematizou o espaço territorial, no padrão municipal de Paranaguá, e teve como obrigação constitucional, fazer chegar as políticas públicas de bairro para esse mundo insular, em contrapartida, enfraquecendo os movimentos associativos comunitário na Vila de Encantadas.

Foi observada nas entrevistas, a mudança no padrão e perfil dos turistas que optavam pelos acampamentos, os “barraqueiros”, e a proximidade com os costumes locais, nas vivências e pescarias, roda de fogueiras e violão nos pernoites nos barracos de aluguel, isso promovia uma sensação de pertencimento aos visitantes. E nas últimas duas décadas, o que ficou evidenciado é que o turista foi se distanciando das vivências locais.

A chegada da tecnologia da informação e a personalização dos serviços de turismo onde os internautas, começaram interagir da Ilha do Mel para vários cantos do Brasil. A Vila de Encantadas, está nas redes sociais divulgando horários da travessia, promoções em tempo real do calendário de eventos na vila estudada. Essas ações vieram colaborar para mudança do perfil do turista, com a presença de casais e famílias como foi citado por alguns entrevistados.

A Vila de Encantadas já tem características de um destino de turismo de sol e praia, e seus moradores, sejam nativos ou não, vem oferecendo serviços de qualidade na hospedagem como quartos com banheiros, pousadas com tv, ar condicionado, frigobar, quartos temáticos que estão atendendo e evoluindo junto com as inovações tecnológicas considerando como desenvolvimento na hospitalidade na vila estudada. Considerando que para chegava neste mundo insular, era com as canoas trazendo barraqueiros e aventureiros e logo chegaram as baleeiras com maior capacidade e cobertura. Na metade dos anos 1990 houve a obrigatoriedade dos botes maiores e mais seguros para um maior número de pessoas e bagagens pois, o perfil do turista era de campistas E de lá para cá o transporte tradicional evoluiu para atender turismo de massa com excursões entre a metade das décadas de 1990 a 2015. Nestas últimas duas décadas a procura por lanchas rápidas foi ganhando mais espaço, favorecendo a criação de passeios náuticos que facilitaram o surgimento dos passeios como 360° na Ilha do Mel .

“Assim que a vida foi melhorando”, afirmaram a maioria dos entrevistados nativos e moradores, sabem por quê? Na Vila de Encantadas temos todas as políticas públicas que tem num bairro do continente: Educação básica ao ensino médio, n o posto de saúde (PS) Ana Neves, e na segurança que é a mais elogiada na comunidade em conjunto com a coleta e retirada dos resíduos. A resposta está nas muitas conquistas em quatro décadas. Mas também afirmo que foram identificados impactos com a chegada do turismo de massa, onde podemos citar inúmeras ameaças ao turismo na Vila das Encantadas como a desunião, o uso de drogas, influências musicais, os hábitos noturnos com som alto, o impacto do lixo e micro lixos, do esgoto em grandes volumes, aumento do número de pets, também foi citado a venda de lotes, a ameaça dos super ricos, e a concorrência.

O objetivo deste estudo foi analisarmos as transformações no turismo da Vila e, por meio deste tema, provocar reflexões, fazer questionamentos sobre o futuro do TBC e sobre as possibilidades que surgem com a nova lei e o marco regulatório, com o intuito que, possamos garantir a existência dos serviços turísticos da base local na Vila das Encantadas. Assim sendo, temos a expectativa que este estudo, possibilite mais pesquisas sobre o tema e que seja possível um diagnóstico mais minucioso podendo ser reivindicado pesquisas acadêmicas de extensão, voltadas ao cooperativismo e o turismo sustentável na ilha, com possibilidades reais de conexões entre UFPR litoral, o Conselho Comunitário e a UNADIM.

Apesar de não ser objetivo da pesquisa, é importante registrar que, com base nas conversas com os moradores e entrevistados, eles(as) mencionaram algumas sugestões e propostas para melhorar a união, organização da comunidade no turismo e o diálogo com o poder público.

A lista de sugestões a seguir resume as principais:

- Ter mais criatividade, determinação e trabalho com foco;
- O saneamento básico foi a sugestão mais recorrente apontada como prioritária;
- A gestão dos resíduos e o incentivo ao turista para levar o seu lixo para fora da Ilha, com ênfase que os turistas sejam orientados já na barca;
- Aquisição da lancha de emergência para atender o PS Ana Neves;
- O controle da especulação imobiliária;
- Controlar a chegada de turistas pela praia em barcos vindo das Marinas do continente;
- Criação de projetos: educação ambiental, esporte da natureza,
- Plano pedagógico que contemple a pesca artesanal, e cultura caiçara;
- Mais banheiros públicos, e a melhoria nas trilhas.
- Pavimentações possam ser utilizadas materiais naturais;
- Estudo de viabilidade da cooperativa de serviços turísticos;
- Mais união do comércio na organização dos eventos da baixa temporada. unidos somos mais fortes.

Finalizando este trabalho com um poema canção que homenageia o povo originário deste mundo insular e a antiga Vila da Prainha dos pescadores e pescadoras.

Esse poema foi escrito por nativos e frequentadores, numa época em que se amarrava o cachorro com a linguça...

“A Pescadinha o Sargo mandou dizer, que o Robalo da Pontinha está doidinho por você. O Badejão, e a Caranha, oi quando pega no espinhel é tão bonito! A pescadinha pega na linha, como é gostoso de pescar aqui na Prainha” Autores: Norinho, Ademar, Osso e Henrique, 1980.

Amani Fernando Alves.

Vila de Encantadas - Ilha do Mel- Paranaguá - Paraná – Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAPAS do Brasil. João Teixeira Albernaz “o Moço”, 1666. *Livro de toda a costa da província de Santa Cruz*, adquirido pelo Governo Brasileiro em 1943. Reprodução do original da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <https://www.facebook.com/BrasilisRegnum/posts/mapas-do-brasil-feitos-por-jo%C3%A3o-teixeira-albernaz-o-mo%C3%A7o-em-1666-no-livro-de-tod/618592035711238/>. Acesso em: 14 set. 2025.

PARANÁ. *Substitutivo Geral ao Projeto de Lei nº 790/2024 - IAT 2024*. Considera território da Ilha do Mel toda a sua porção de terra descrita na Matrícula nº 26.978 do Cartório de Registro de Imóveis de Paranaguá. *Lei nº 16.037*, de 8 jan. 2009. (Revogada pela *Lei nº 22.315/2025*).

CABOS submarinos levarão energia elétrica a ilhas. *Folha de Londrina*, Londrina, 1999. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/cabos-submarinos-levarao-energia-eletrica-a-ilhas-76636.html?d=1>. Acesso em: 14 set. 2025.

ATHAYDE, S. F. de; BRITZ, R. M. de. As unidades de conservação. In: MARQUES, M. C.; BRITZ, R. M. de (orgs.). *História natural e conservação da Ilha do Mel*. Curitiba: UFPR, 2005. p. 229–248.

ATAYDE, S. F.; TOMAZ, L. M. *Áreas naturais protegidas e comunidades locais da Ilha do Mel – PR – Brasil*. 1995.

DENKEWICZ, P. *Turismo, proteção ambiental e inclusão social na Ilha do Mel, litoral do Paraná*. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

DENKEWICZ, P. *Cultura e natureza: desenvolvimento comunitário na Ilha do Mel, Paraná*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2016.

GONZAGA, C. A. M.; DENKEWICZ, P.; PRADO, K. C. P. Unidades de conservação, ecoturismo e conflitos socioambientais na Ilha do Mel, PR, Brasil. *Revista ADMPG*, v. 7, n. 1, p. 61–67, 2014.

MALHAS da pobreza: exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. *Estante Paranista*, n. 22. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1985. 168 p.

CABRAL, B. L. F.; IRVING, M. de A.; NASRI, Y. X. G. Ações coletivas e turismo de base comunitária: experiências na região turística Litoral do Paraná, Brasil. *Universidade de Brasília – Centro de Desenvolvimento Sustentável*, [s.d.].

FABRINO, N. H. *Turismo de base comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos*. 2013. Universidade de Brasília.

SPERB, M. P.; TEIXEIRA, R. M. *A sustentabilidade ambiental do turismo na Ilha do Mel, PR: perspectiva dos gestores públicos*. 2006.

ANEXO 01: REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RCLE) COMPARTILHADO COM A PESQUISA DOUTORAL (CABRAL, 2025)

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RCLE)

Eu sou **Beatriz Leite Ferreira Cabral**, moro aqui no litoral, sou professora da UFPR em Matinhos e quero convidá-lo (la) a participar da construção da minha pesquisa de doutorado que estou fazendo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro: **“AQUI É A CASA DA GENTE”: experiências e significados sobre o Turismo de Base Comunitária no Litoral do Paraná**”. Aqui eu vou explicar sobre os detalhes dessa pesquisa para que, ao final, você decida se quer participar ou não da pesquisa.

Nesse meu estudo, eu estou buscando entender como funciona o turismo aqui na comunidade, sobre a organização da comunidade, os desafios, conquistas e relação do turismo com esse lugar. A ideia é tentar entender o significado do turismo, pelas vozes de vocês. Isso pode nos ajudar a pensar sobre como podemos buscar por seus direitos e por melhorias para as comunidades através do turismo. Indiretamente, essa pesquisa pode ajudar a divulgar as experiências de vocês, que são únicas, seja através de livretos, exposições fotográficas ou vídeos

Como que isso vai funcionar? A ideia é que eu possa acompanhar um pouco do dia a dia de vocês, para que eu possa observar como essas experiências acontecem na prática e que eu realize uma conversa com vocês, com algumas perguntas que você vai responder a partir da sua experiência. É o que a gente chama de entrevista. Eu vou usar um gravador, para que eu não tenha que ficar anotando toda hora e possa ficar concentrada no que você tem pra me dizer.

Com relação à sua participação na pesquisa, eu quero destacar que eu sei que a minha presença na comunidade pode gerar interferência na rotina de vocês, que vocês podem ficar constrangidos por terem alguém “de fora” por perto ou acharem ruim terem que interromper as atividades do dia-a-dia para, responderem às minhas perguntas. Eu também imagino que você pode ficar com vergonha para falar ou terem medo de como a nossa conversa ou a sua imagem serão utilizados. Mas, para evitar qualquer situação desconfortável para você, eu me comprometo a tomar alguns cuidados:

A ideia é que a nossa conversa/entrevista seja feita sem outras pessoas por perto, no local, dia e horário que você achar melhor. Eu só vou participar do cotidiano do turismo em situações que você autorize. Antes de começar a entrevista, você terá todas as explicações necessárias para responder minhas perguntas. A sua participação só vai começar depois que você concordar com o conteúdo da entrevista.

Você, a qualquer momento, pode retirar o consentimento em participar do estudo, mesmo após ter assinado o documento e ter sido realizada a entrevista, com a garantia de devolução do arquivo da gravação.

As suas respostas e imagens serão apenas utilizadas para fins científicos e serão usadas de forma cuidadosa, buscando não expor informações que prejudiquem as suas relações dentro da comunidade, com pessoas de fora ou que possam gerar algum prejuízo financeiro.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e não será oferecida qualquer gratificação em dinheiro. Quero deixar claro que, caso você concorde ou não em participar da pesquisa, essa sua decisão não irá influenciar na sua participação em atividades de extensão organizadas pela Universidade Federal do Paraná.

Durante todo o período do estudo, eu ficarei à sua disposição para quaisquer tipos de esclarecimentos sobre a pesquisa. Sempre que possível, eu quero trazer e explicar sobre os resultados que estou tendo com o avanço da pesquisa e como estou usando as informações que foram passadas por vocês. Isso é muito importante. Para saber mais sobre a pesquisa, você poderá buscar informações diretamente comigo e também com o Comitê de ética da UFRJ, que é responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos. Ou ainda, você pode também tirar dúvidas com as pessoas do meu curso de doutorado.

Dados da pesquisadora responsável: Beatriz Leite Ferreira Cabral . Endereço do trabalho (Universidade Federal do Paraná): Rua Jaguariaíva, 512, Matinhos -PR Telefone: (41) 3511-8300 ou (41) 99104-6681. Email: beatriz.cabral@ufpr.br
Dados da Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio de Janeiro- PPG em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - Instituto de Psicologia – UFRJ . Endereço: Av. Pasteur, 250 - Botafogo, Rio de Janeiro - RJ, 22290-240 Telefone: (21) 3873-5349. Email: secretariaeicos@gmail.com
Dados do Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH - Campus da UFRJ da Praia Vermelha Endereço: Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30. Telefone: (21) 3938-5167. Email: cep.cfch@gmail.com

C
aso
você
decid
a
partic
ipar,
eu
vou
deixa

r uma cópia dele com você e a outra vai ficar comigo. A sua assinatura do termo de consentimento permite que os resultados obtidos possam ser utilizados nesta pesquisa e apresentados em congressos e publicações.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, eu _____ declaro que fui informado sobre como o que está sendo estudado, sobre como está sendo desenvolvido o estudo, sobre os procedimentos, riscos, benefícios e medidas que serão tomadas pela pesquisadora. Eu declaro que desejo participar da pesquisa, da seguinte forma: Em relação ao uso das minhas falas: (☐) Quero ser identificado(a) e manter meu nome vinculado às informações relacionadas às minhas falas. (☐) Não quero ser identificado(a) na pesquisa e quero que seja mantido o caráter confidencial das minhas falas. Em relação ao uso de fotografias que eu esteja presente ou tiradas por mim: (☐) Autorizo que meu nome seja identificado em eventuais fotografias que contarem com a minha presença, sejam as fotografias minhas ou aquelas tiradas por Beatriz Cabral. (☐) Não autorizo que meu nome seja identificado em eventuais fotografias, sejam as fotografias minhas ou aquelas tiradas por Beatriz Cabral. _____ / ____ / _____ Assinatura Local Data		
Eu, Beatriz Cabral, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto aos participantes e estou ciente das decisões tomadas pelo/pela participante da pesquisa _____ Beatriz Leite Ferreira Cabral CPF: 04802461909		

Para acessar a pesquisa completa, depois de pronta, você pode ir no site da biblioteca da UFRJ <https://buscaintegrada.ufrj.br/Search/Home> ou também no google acadêmico <https://scholar.google.com.br/?hl=pt> . Para localizar a tese, você poderá colocar o meu nome ou o nome da minha pesquisa.

APÊNDICE 01: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Entrevistas realizadas com nativos

1- As questões abaixo são dirigidas sobre Turismo de Base Comunitária aos nativos residentes no Povoado de Encantadas e servirá de apoio na elaboração do TCC “Turismo De Base Comunitária na Prainha/Encantadas Ilha Do Mel (PR)

Qual é o seu nome completo..... Qual é a sua idade?_____

Sexo: () Masculino “ () Feminino

1. Por favor, conte um pouco da sua história e sobre o seu envolvimento no turismo (trabalho, família, como chegou).
2. Como o turismo mudou aqui em nossa comunidade?
3. Como o turismo tem influenciado as transformações da nossa comunidade?
4. Você acha que o Marco Regulatório pode trazer mudanças para a comunidade? Se sim, como?
5. Na sua opinião, quais são as principais ameaças para o Turismo de Base Comunitária?
6. Apresente comentários ou sugestões que podem, no seu entender, beneficiar o destino turístico Povoado de Encantadas.

APÊNDICE 02: ENTREVISTAS REALIZADAS COM PROPRIETÁRIOS DE RESIDÊNCIA OU FREQUENTADORES.

As questões abaixo são dirigidas sobre Turismo de Base Comunitária aos proprietário de segunda residência, moradores e frequentadores assíduos do Povoado de Encantadas e servirá de apoio na elaboração do TCC “Turismo De Base Comunitária na Prainha/Encantadas Ilha do Mel (PR)

Nome completo:.....Idade:..... Sexo:.....

1. Profissão/trabalho:.....
2. Qual seu local de origem e quando começou a visitar a Ilha do Mel.....
3. Há quanto tempo visita ou tem residência no povoado de Encantadas.....
4. Para você, como o turismo mudou aqui no povoado de Encantadas.....
5. Como o turismo tem influenciado as transformações na comunidade.....
6. Você acha que o turismo de base comunitária está ameaçado? Se sim, quais são as ameaças?.....
7. Você acha que o Marco Regulatória pode trazer mudanças para a comunidade? Se sim, como?.....
8. Você tem comentários ou sugestões que podem, no seu entender, beneficiar o destino turístico do povoado de Encantadas?